

Texto bilíngue da Vida Feliz (*De Beata Vita*)

Prof. Dr. Plínio Marcos Tsai

- Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo
- Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo
- Docente da Graduação em Teologia da Universidade Metodista de São Paulo
- Professor no Instituto Pramãña
- Professor no Instituto Tomasiano

Introdução

A tradução da Vida Feliz através do método da equivalência dinâmica

A presente tradução bilíngue oferece ao leitor o texto latino do *De Beata Vita* de Agostinho em confronto com uma tradução para o português brasileiro realizada segundo os princípios da equivalência dinâmica. Diferente da equivalência formal, que procura reproduzir o mais fielmente possível a estrutura gramatical e o sentido direto do original, a equivalência dinâmica busca transmitir o sentido do texto original de forma natural e idiomática na língua de chegada, priorizando o efeito comunicativo sobre a correspondência palavra por palavra (Nida, 1964, p. 159). Este método parece ser adequado para um diálogo como o *De Beata Vita*, cujo estilo coloquial, os jogos de palavras e as referências culturais requerem uma transposição que preserve a fluidez e a vivacidade de um diálogo, mas sem o abandono da precisão conceitual. A opção por essa abordagem visa tornar a obra agostiniana mais acessível ao público universitário em geral, mas mais especificamente aos alunos e alunas de iniciação científica das áreas de Teologia e Filosofia.

A vida e a obra de Agostinho de Hipona

Agostinho nasceu em Tagaste, na província romana da Numídia (atual Argélia), em 13 de novembro de 354 (Wikipédia, 2024). Filho de Patrício, um funcionário público da religião romana, e de Mônica, uma cristã, recebeu uma educação esmerada em retórica e filosofia, imerso nos clássicos latinos e no pensamento platônico. Após um período inicial de afastamento do cristianismo, durante o qual aderiu por nove anos ao maniqueísmo – seita dualista que via o mundo como um conflito entre o bem e o mal – e posteriormente se aproximou do ceticismo da Nova Academia, Agostinho converteu-se ao cristianismo em Milão sob a influência dos sermões de Ambrósio, sendo batizado em 387.

Após sua ordenação sacerdotal em 391 e sua consagração como bispo de Hipona em 395, Agostinho tornou-se um dos mais influentes doutores da Igreja Latina, produzindo

uma obra vasta que abrange teologia, filosofia, exegese bíblica, apologética e política. Entre suas obras mais conhecidas figuram as *Confissões* (c. 397-401) (considerada a primeira autobiografia psicológica da literatura ocidental), *De Civitate Dei* (c. 413-426) (uma reflexão sobre as duas cidades, a terrena e a celeste), *De Trinitate* (c. 399-419) e inúmeros sermões e cartas. O *De Beata Vita* situa-se, porém, no início de sua produção literária, um dos diálogos de Cassiciacum, escritos durante o retiro que antecedeu seu batismo (Santos, 2016, p. 17-19).

O *De Beata Vita* - data, contexto e estrutura

O *De Beata Vita* (Da Vida Feliz ou, como traduzido aqui, Vida Feliz) foi composto por Agostinho no ano de 386, durante sua estada na propriedade rural de Cassiciacum, nas proximidades de Milão, onde se refugiara com um pequeno círculo de familiares e discípulos após abandonar a carreira de retor (Wikipédia, 2024; Santos, 2016). A obra é dedicada a Flávio Málio Teodoro, cônsul do ano 399 e simpatizante do neoplatonismo, a quem Agostinho apresenta o texto como um banquete intelectual oferecido em seu aniversário (Agostinho, 386, I).

O diálogo, ambientado ao longo de três dias (13 de novembro de 386 e os dois dias seguintes), conta com a participação de figuras centrais na vida de Agostinho: sua mãe, Mônica; seu irmão, Navigio; seus discípulos Trigécio e Licêncio; seus primos Lastidiano e Rústico; e seu filho Adeodato, então um adolescente de notável inteligência (Wikipédia, 2024). Mônica, em particular, desempenha um papel relevante na discussão, intervindo com observações que Agostinho elogia como dignas de um filósofo. A estrutura do diálogo reflete o método socrático: Agostinho conduz a conversa por meio de perguntas, levando seus interlocutores a concordar com as conclusões que ele próprio defende (Santos, 2016). A obra divide-se em quatro capítulos, nos quais se discutem sucessivamente a natureza da felicidade, a relação entre desejo e posse, o papel da virtude e, finalmente, a identificação da vida feliz com a posse de Deus – compreendido como o sumo modo, a verdade e a sabedoria (1 Cor 1,24; Jo 14,6).

Importância da obra para a iniciação científica em Teologia

Para o estudante de graduação em Teologia e para pesquisador em iniciação científica, o *De Beata Vita* constitui uma porta de entrada privilegiada para o pensamento de Agostinho e, por extensão, para a tradição filosófico-teológica ocidental.

Diferentemente de obras sistemáticas de maior fôlego, como o *De Civitate Dei*, o *De Beata Vita* apresenta, em formato breve e acessível, os núcleos conceituais que caracterizam toda a produção posterior do bispo de Hipona: a interioridade como lugar de encontro com Deus, a primazia da graça sobre o mérito, a centralidade da noção de *modus* (medida, modo) como critério da virtude, e a tese fundamental de que a verdadeira felicidade não pode consistir em bens percíveis, mas apenas na posse daquilo que é eterno e imutável: Deus. A leitura atenta deste diálogo permite ao iniciante familiarizar-se com o método agostiniano de argumentação que articula fé e

razão em fluxo constante de diálogo com a tradição filosófica antiga, sobretudo com o platonismo e o neoplatonismo. E compreender como as categorias metafísicas gregas foram reinterpretadas na perspectiva da revelação cristã.

Além disso, o *De Beata Vita* oferece um modelo de investigação filosófica que é interessante ao pesquisador em iniciação científica. Isso porque Agostinho não apresenta conceitos finalizados, mas parece convidar aos consulentes a percorrer com ele o caminho da busca. Essa abertura, que recusa o dogmatismo e valoriza o questionamento em busca do sentido da vida, tem relevância para a formação de pesquisadores, pois os introduz na atitude de indagação constante que deve caracterizar o trabalho acadêmico nas ciências da religião.

Sobre a presente tradução

A fonte do texto latino utilizado nesta edição é o portal “Augustinus.it”, que disponibiliza as obras do bispo de Hipona em formato digital de livre acesso. O texto latino segue a edição crítica de referência, preservando a numeração tradicional de capítulos e parágrafos. A tradução para o português foi realizada pelo autor com base no método da equivalência dinâmica, conforme exposto acima. As citações bíblicas foram verificadas e adaptadas à versão da Bíblia de Jerusalém, quando necessário.

Esta primeira parte do trabalho apresenta a tradução bilíngue do diálogo. A segunda parte, a ser publicada oportunamente, consistirá em um comentário exegético das seções principais da obra, realizado sob a perspectiva hermenêutica da Filosofia da Rede Inter-relacional (Tsai, 2024). Nesse comentário, buscar-se-á identificar no texto agostiniano os princípios da mútua determinação (*pratītyasamutpāda*), da vacuidade (*śūnyatā*), das duas verdades (*satyadvaya*), da não-ação do fluir livre (*wuwei yaodu*), da oposição complementar (*yin-yang*) e da inter fusão (*yuanrong*), demonstrando como o pensamento do bispo de Hipona, ainda que situado em um universo cultural distinto das filosofias da religião indo-chinesas, antecipa elementos de uma lógica relacional não substancialista.

Sobre o uso de Inteligência Artificial Generativa

Embora a CAPES ainda não tenha emitido uma portaria específica consolidada sobre o tema até este momento, os parâmetros adotados por agências como o CNPq, em sua Portaria nº 2.664 de 6 de março de 2026, (que institui a Política de Integridade na Atividade Científica do CNPq, estabelece, em seu Art. 6º, inciso III, ser obrigatório declarar o uso de ferramentas de Inteligência Artificial Generativa (IAG) de qualquer espécie e em qualquer fase do desenvolvimento da pesquisa (concepção, redação, análise de dados, submissão), especificando nos respectivos textos e exposições eletrônicas a ferramenta utilizada e a finalidade) e o Guia sobre uso ético da Inteligência Artificial Generativa na Pesquisa da ANPOCS estabelecem princípios fundamentais aplicáveis: transparência, autoria humana, responsabilidade do pesquisador e verificação dos conteúdos gerados.

Diante desse panorama normativo, informamos as nossas exposições contam com a colaboração da ferramenta de inteligência artificial generativa DeepSeek (modelo R1), empregada exclusivamente como suporte técnico para auxiliar na organização da estrutura textual, na sistematização de conteúdos (tabelas) e na sugestão de formulações preliminares. Todo o conteúdo gerado pela IA foi rigorosamente revisado, validado e editado pelo autor (Plínio Marcos Tsai), que assume integral responsabilidade pela precisão, coerência e adequação acadêmica do material final.

O uso da IA não substituiu o juízo crítico, a expertise do autor dentro do registro da tradução, do religioso e da análise filosófica e teológica, tendo funcionado a IA apenas como ferramenta auxiliar no processo de edição e formatação textual. A declaração deste uso atende aos princípios de transparência e integridade científica exigidos pelas agências de fomento à pesquisa no Brasil.

A apresentação da tradução do texto

Segue-se abaixo a apresentação do texto bilingue, latim e português brasileiro.

Da Vida Feliz (*De Beata Vita*)

Capítulo 1

1,1 – Se a tempestade pudesse levar ao porto seguro da felicidade

Si ad philosophiae portum, de quo iam in beatae vitae regionem solumque proceditur, vir humanissime atque magne, Theodore, ratione institutus cursus, et voluntas ipsa perduceret; nescio utrum temere dixerim, multo minoris numeri homines ad eum perventuros fuisse, quamvis nunc quoque, ut videmus, rari admodum paucique perveniant.

Caríssimo e ilustre Teodoro, se os caminhos da razão e a própria vontade pudessem conduzir os homens àquele porto da filosofia de onde se parte para a região e o solo da vida feliz, não sei se seria exagero dizer que chegaria lá um número muito menor de pessoas do que as que atualmente lá chegam, embora, como vemos, sejam raríssimos e poucos.

Cum enim in hunc mundum, sive Deus, sive natura, sive necessitas, sive voluntas nostra, sive coniuncta horum aliqua, sive simul omnia (res enim multum obscura est, sed tamen a te iam illustranda suscepta) veluti in quoddam procellosum salum nos quasi temere passimque proiecerit; quotusquisque cognosceret quo sibi nitendum esset, quave redeundum, nisi aliquando et invito contraque obnitentes aliqua tempestas, quae stultis videtur adversa, in optatissimam terram nescientes errantesque compingeret?

Afinal, desde que fomos lançados a este mundo – seja por Deus, pela natureza, pela necessidade, pela nossa vontade, por uma combinação destas forças ou por todas elas (questão ainda muito obscura, mas que prometeste esclarecer) –, como que num mar tempestuoso, quase ao acaso, quem haveria de saber para onde se dirigir ou por onde voltar, se alguma tempestade – que os tolos julgam adversa – não os empurrasse, mesmo contra a vontade e resistindo, para a tão desejada terra, sem que eles soubessem, tateando no escuro?

1,2 – A filosofia pode acolher os homens, comparando-os a três tipos de navegantes

Igitur hominum quos philosophia potest accipere, tria quasi navigantium genera mihi videor videre.

Assim, parece-me que os homens que a filosofia pode acolher são de três tipos, como que três classes de navegantes.

Unum est eorum, quos ubi aetas compos rationis assumpserit, parvo impetu pulsuque remorum de proximo fugiunt, seseque condunt in illa tranquillitate, unde caeteris civibus quibus possunt, quo admoniti conentur ad se, lucidissimum signum sui alicuius operis erigunt.

A primeira é daqueles que, assim que atingem a idade da razão, com pouco esforço e com uma breve remada, fogem do que está perto e se recolhem naquela tranquilidade. De lá, erguem um farol claríssimo da sua própria obra para os outros cidadãos, a fim de que, advertidos, se esforcem para alcançá-los.

Alterum vero est eorum, superiorique contrarium, qui fallacissima facie maris decepti, elegerunt in medium progredi, longeque a sua patria peregrinari audent, et saepe eius obliviscuntur.

A segunda classe é oposta à primeira: são os que, enganados pela face falsíssima do mar, escolhem aventurar-se mar adentro, ousam afastar-se da pátria por longo tempo e muitas vezes se esquecem dela.

Hos si nescio quo et nimis latente modo a puppi ventus, quem prosperum putant, fuerit prosecutus, penetrant in altissima miseriarum elati atque gaudentes, quod eis usquequaque fallacissima serenitas voluptatum honorumque blanditur.

Se um vento de popa – que julgam favorável – os acompanha de modo oculto e traiçoeiro, avançam orgulhosos e alegres para o abismo das misérias, porque a falsíssima bonança dos prazeres e das honras os ilude.

His profecto quid aliud optandum est, quam quaedam in illis rebus a quibus laeti excipiuntur, impropera; et, si parum est, saeviens omnino tempestas, contrarieque flans ventus, qui eos ad certa et solida gaudia, vel flentes gementesque perducatur?

Para estes, o que mais se pode desejar senão uma certa adversidade naquelas coisas que os acolhem com alegria, e, se isso não bastar, uma tempestade furiosa e um vento contrário que os conduza, ainda que chorando e gemendo, às alegrias verdadeiras e sólidas?

huius generis tamen plerique nondum longius evagati, quibusdam non ita gravibus molestiis reducuntur.

Contudo, muitos deste tipo, que ainda não se afastaram demasiado, são reconduzidos por provações não muito graves.

Hi sunt homines, quos cum vel lacrymabiles tragoediae fortunarum suarum, vel inanium negotiorum anxiae difficultates, quasi nihil aliud habentes quod agant, in libros doctorum sapientissimorumque hominum truserint, in ipso quodammodo portu evigilant, unde illos nulla maris illius promissa nimium falso ridentis excludant.

São aqueles que, quando as tragédias das suas circunstâncias ou as angústias das suas ocupações vazias (como se não tivessem mais nada que fazer) os empurram para os livros dos sábios e doutos, despertam, por assim dizer, no próprio porto, de onde nenhuma promessa enganadora do mar os conseguirá afastar.

Est autem genus inter haec tertium eorum, qui vel in ipso adolescentiae limine, vel iam diu multumque iactati, tamen quaedam signa respiciunt, et suae dulcissimae patriae, quamvis in ipsis fluctibus recordantur: et aut recto cursu in nullo falsi, et nihil morati, eam repetunt; aut plerumque vel inter nubila deviantes, vel mergentia contuentes sidera, vel nonnullis illecebris capti, bonae navigationis tempora differentes, errant diutius, saepe etiam periclitantur.

Existe ainda um terceiro tipo: aqueles que, seja no limiar da adolescência, seja depois de muito vaguear e sofrer, ainda assim vislumbra alguns sinais e se lembram da sua querida pátria, mesmo em meio às ondas. Estes ou seguem o rumo certo, sem se enganar e sem demora, e retornam a ela; ou, por vezes, desviando-se entre as nuvens, olhando para astros que se põem, ou seduzidos por encantos, adiando a hora da boa navegação, erram por mais tempo e muitas vezes correm perigo.

Quos item saepe nonnulla in fluxis fortunis calamitas, quasi conatibus eorum adversa tempestas, in optatissimam vitam quietamque compellit.

Estes também, frequentemente, alguma calamidade nos bens instáveis da fortuna, como uma tempestade contrária aos seus esforços, acaba por levá-los à vida desejada e tranquila.

1,3 – A sabedoria dos antigos comparada a um monte imenso

His autem omnibus, qui quocumque modo ad beatae vitae regionem feruntur, unus immanissimus mons ante ipsum portum constitutus, quo etiam magnas ingredientibus gignit angustias, vehementissime formidandus, cautissimeque vitandus est.

Todos estes, que de qualquer modo se dirigem à região da vida feliz, têm diante do porto um monte imenso e terrível, que deve ser com toda a cautela evitado.

Nam ita fulget, ita mentiente illa luce vestitur, ut non solum pervenientibus, nondumque ingressis incolendum se offerat, et eorum voluntati pro ipsa beata terra satisfacturum polliceatur; sed plerumque de ipso portu ad sese homines invitat, eosque nonnunquam detinet ipsa altitudine delectatos, unde caeteros despiciere libeat.

Ele brilha tanto, está tão coberto por aquela luz enganadora, que não só se oferece como morada para os que se aproximam (ainda não tendo entrado), prometendo satisfazer os seus desejos como se fosse a própria terra feliz, como também, muitas vezes, atrai os homens desde o próprio porto e os detém, encantados pela sua altura, de onde gostam de olhar os outros de cima.

Hi tamen admonent saepe venientes, ne aut occultis subter scopulis decipiantur, aut ad se ascendere facile putent; et qua sine periculo ingrediantur propter illius terrae vicinitatem, benevolentissime docent.

Contudo, esses montes frequentemente advertem os que chegam para que não se deixem enganar pelos rochedos escondidos ou pensem que é fácil subi-los. E ensinam, com toda a bondade, por onde se entra sem perigo, graças à proximidade daquela terra.

Ita cum eis invident vanissimam gloriam, locum securitatis ostendunt.

Assim, ao mesmo tempo que invejam nos outros a glória vazia, mostram-lhes o lugar da segurança.

Nam quem montem alium vult intellegi ratio propinquantibus ad philosophiam ingressisve metuendum, nisi superbum studium inanissimae gloriae, quod ita nihil intus plenum atque solidum habet, ut inflatos sibi superambulantes succrepante fragili solo demergat ac sorbeat, eisque in tenebras revolutis, eripiat luculentam domum, quam paene iam viderant?

Que outro monte a razão nos manda temer, aos que nos aproximamos ou entramos na filosofia, senão o estudo orgulhoso da glória vazia? Um monte que não tem nada de sólido ou pleno, de modo que, inchado, devora e afunda os que andam sobre ele num solo frágil e estaladiço, precipitando-os de volta nas trevas e arrebatando-lhes a casa luminosa que quase já tinham visto?

1,4 – O que Agostinho experimentou

Quae cum ita sint, accipe, mi Theodore, namque ad id quod desidero, te unum intueor, teque aptissimum semper admiror; accipe, inquam, et quod illorum trium genus hominum me tibi dederit, et quo loco mihi esse videar, et abs te cuiusmodi auxilium certus exspectem.

Tendo isto em mente, escuta, meu caro Teodoro (pois para o que desejo, olho apenas para ti e sempre te admiro como o mais apto). Escuta, digo, o que aquele terceiro tipo de homem me fez ser para ti, em que lugar me encontro e que tipo de auxílio espero de ti com certeza.

Ego ab usque undevigesimo anno aetatis meae, postquam in schola rhetoris librum illum Ciceronis, qui Hortensius vocatur, accepi, tanto amore philosophiae succensus sum, ut statim ad eam me ferre meditarer.

Desde os meus dezenove anos, depois de ler na escola de retórica aquele livro de Cícero chamado Hortênsio, fiquei tão inflamado de amor pela filosofia que decidi logo entregar-me a ela.

Sed neque mihi nebulae defuerunt, quibus confunderetur cursus meus; et diu, fateor, quibus in errorem ducerer, labentia in oceanum astra suspexi.

Mas não faltaram nevoeiros a turvar o meu caminho; e, confesso, por muito tempo olhei para astros que se lançavam no oceano, e eles me desviavam.

Nam et superstitio quaedam puerilis me ab ipsa inquisitione terrebat: et ubi factus erectior, illam caliginem dispuli, mihi que persuasi doctibus potius quam iubentibus esse credendum; incidi in homines quibus lux ista quae oculis cernitur, inter summe divina colenda videretur.

Pois certa superstição infantil me afastava da própria investigação. Quando me tornei mais firme e dispersei aquela escuridão, convenci-me de que devia acreditar mais em quem ensina do que em quem ordena. Então caí nas mãos de homens para quem esta luz que vemos com os olhos deveria ser adorada como coisa divina.

Non assentiebar, sed putabam eos magnum aliquid tegere illis involucris, quod essent aliquando aperturi.

Não concordava com eles, mas pensava que eles escondiam algo grande sob aqueles véus, que algum dia iriam descobrir.

At ubi discussos eos evasi, maxime trajecto isto mari, diu gubernacula mea repugnantia omnibus ventis in mediis fluctibus Academici tenuerunt.

Quando finalmente escapei deles (já depois de ter atravessado aquele mar), os Acadêmicos, por muito tempo, seguraram o meu leme no meio das ondas, contrariando todos os ventos.

Deinde veni in has terras; hic septentrionem cui me crederem didici.

Depois vim para estas terras; aqui aprendi a confiar-me a uma estrela-guia.

Animadverti enim et saepe in sacerdotis nostri, et aliquando in sermonibus tuis, cum de Deo cogitaretur, nihil omnino corporis esse cogitandum, neque cum de anima: nam id est unum in rebus proximum Deo.

Percebi, tanto nos frequentes sermões do nosso sacerdote como, por vezes, nas tuas conversas, que, quando se pensa em Deus, não se deve pensar em nada material, nem sequer na alma – pois a alma é a única coisa, depois de Deus, que se lhe aproxima.

Sed ne in philosophiae gremium celeriter advolare, fateor, uxoris honorisque illecebra detinebar; ut cum haec essem consecutus, tum demum me, quod paucis felicissimis licuit, totis velis omnibusque remis in illum sinum raperem, ibique conquiescerem.

Mas, confesso, para que não voasse depressa para o seio da filosofia, os atractivos do casamento e das honras me detinham. Pensava que, depois de alcançar essas coisas, então sim, poder-me-ia lançar, com todas as velas e remos, naquele porto (o que só foi dado a pouquíssimos felizardos) e ali descansar.

Lectis autem Plotini paucissimis libris, cuius te esse studiosissimum accepi, collataque cum eis, quantum potui, etiam illorum auctoritate qui divina mysteria tradiderunt, sic exarsi, ut omnes illas vellem anchoras rumpere, nisi me nonnullorum hominum existimatio commoveret.

Depois de ler uns poucos livros de Plotino – cujo grande estudioso me disseram que és – e compará-los, quanto pude, com a autoridade daqueles que transmitiram os divinos mistérios, fiquei tão abrasado que quisera romper todas as âncoras, se não fosse a consideração pela opinião de algumas pessoas.

Quid ergo restabat aliud, nisi ut immoranti mihi superfluis, tempestas quae putatur adversa, succurreret?

Que mais me restava senão que uma tempestade (que se julga adversa) viesse em meu auxílio, enquanto eu me demorava em coisas supérfluas?

Itaque tantus me arripuit pectoris dolor, ut illius professionis onus sustinere non valens, qua mihi velificabam fortasse ad Sirenas, abicerem omnia, et optatae tranquillitati vel quassatam navem fessamque perducerem.

Apoderou-se de mim uma dor de peito tão forte que, não suportando o peso daquela profissão com que navegava talvez para as Sereias, abandonei tudo e conduzi o meu barco, ainda que abalado e cansado, para a desejada tranquilidade.

1,5 – O que pensa agora

Ergo vides in qua philosophia quasi in portu navigem.

Vês, pois, em que filosofia navego, como que num porto.

Sed etiam ipse late patet, eiusque magnitudo quamvis iam minus periculosum, non tamen penitus excludit errorem.

Mas este porto ainda é grande, e a sua vastidão, embora já menos perigosa, não exclui completamente o erro.

Nam cui parti terrae, quae profecto una beata est, me admoveam, eamque contingam, prorsus ignoro.

Pois não sei absolutamente para que parte da terra feliz me dirigir, para a tocar.

Quid enim solidum tenui, cui adhuc de anima quaestio nutat et fluctuat?

Que certeza posso ter, se ainda a questão sobre a alma vacila e flutua?

Quare obsecro te per virtutem tuam, per humanitatem, per animarum inter se vinculum atque commercium, ut dexteram porrigas.

Por isso, suplico-te, pela tua virtude, pela tua bondade, pelo vínculo e comunhão que une as almas, que me estendas a mão.

Hoc autem est, ut me ames, et a me vicissim te amari credas carumque haberi.

Isto é: que me ames, e que acredites que eu te amo de volta e que te tenho por precioso.

Quod si impetravero, ad ipsam beatam vitam, cui te iam haerere praesumo, parvo conatu facillime accedam.

Se conseguir isto, chegarei facilmente, com pouco esforço, à própria vida feliz, à qual suponho que tu já te agarraste.

Quid autem agam, quove modo ad istum portum necessarios meos congregem ut cognoscas, et ex eo animum meum (neque enim alia signa invenio quibus me ostendam) plenus intellegas, disputationum mearum, quod mihi videtur religiosius evasisse, atque tuo titulo dignius, ad te scribendum putavi, et ipso tuo nomine dedicandum.

E para que saibas o que vou fazer, como hei-de reunir os meus amigos naquele porto, e para que assim conheças plenamente o meu espírito (pois não encontro outra forma de me dar a conhecer), julguei dever escrever-te aquilo que das minhas discussões me pareceu ter saído mais proveitoso e mais digno de ti, dedicando-to ao teu nome.

Aptissime sane; nam de beata vita quaesivimus inter nos, nihilque aliud video quod magis Dei donum vocandum sit.

Com toda a propriedade, pois investigámos juntos o que é a vida feliz, e nada me parece mais digno de ser chamado dom de Deus.

Eloquentia tua territus non sum; quidquid enim amo, quamvis non assequar, timere non possum: fortunae vero sublimitatem multo minus; apud te enim vere, quamvis sit magna, secunda est; nam quibus dominatur, eosdem ipsos secundos facit.

Não me assusta a tua eloquência; pois tudo o que amo, mesmo que não o alcance, não o posso temer. Muito menos a altivez da fortuna, pois junto a ti, ainda que seja grande, ela é próspera: ela faz prósperos aqueles a quem domina.

Sed iam quid afferam, quaeso, attende.

Mas agora, presta atenção, peço-te, ao que te vou oferecer.

1,6 – Quem são os comensais que discutem sobre a vida feliz

Idibus novembribus mihi natalis dies erat: post tam tenue prandium, ut ab eo nihil ingeniorum impediretur, omnes qui simul non modo illo die, sed quotidie convivabamur, in balneas ad consedendum vocavi; nam is tempori aptus locus secretus occurrerat.

Era o meu aniversário, nos idos de Novembro. Depois de um almoço tão ligeiro que em nada prejudicasse a agilidade do espírito, chamei todos os que costumavam comer comigo não só naquele dia, mas todos os dias, para nos sentarmos nas termas – pois encontrei ali um local adequado e reservado para o efeito.

Erant autem, non enim vereor eos singulari benignitati tuae notos interim nominibus facere, in primis nostra mater, cuius meriti credo esse omne quod vivo; Navigius frater meus, Trygetius et Licentius, cives et discipuli mei; nec Lastidianum et Rusticum consobrinos meos, quamvis nullum vel grammaticum passi sint, deesse volui, ipsumque eorum sensum communem, ad rem quam moliebar, necessarium putavi.

Estavam presentes (não receio apresentá-los à tua singular bondade, ainda que apenas pelos nomes): em primeiro lugar, minha mãe, a quem devo tudo o que sou; o meu irmão Navigio; Trigécio e Licêcio, meus concidadãos e discípulos; não quis que faltassem também os meus primos Lastidiano e Rústico, mesmo não tendo estudado Gramática, pois julguei necessário o seu bom senso para o que tencionava fazer.

Erat etiam nobiscum aetate minimus omnium, sed cuius ingenium, si amore non fallor, magnum quiddam pollicetur, Adeodatus filius meus.

Estava também conosco o mais novo de todos em idade, mas cujo talento, se o amor não me engana, promete grandes coisas, o meu filho Adeodato.

Quibus attentis, sic coepi.

Uma vez reunidos e atentos, comecei a falar.

CAPÍTULO II

2,7 – Deseja quem sabe que necessita

Manifestum vobis videtur ex anima et corpore nos esse compositos?

Parece-vos evidente que somos compostos de alma e corpo?

Cum omnes consentirent, Navigius se ignorare respondit.

Todos concordaram, excepto Navigio, que respondeu não saber.

Cui ego: Nihilne omnino scis, inquam, an inter aliqua quae ignoras etiam hoc numerandum est?

Perguntei-lhe: "Sabes absolutamente alguma coisa, ou também deves contar esta entre as que ignoras?"

Non puto me, inquit, omnia nescire.

"Não penso", respondeu ele, "que nada sei."

Potesne nobis dicere aliquid eorum quae nosti?

"Podes então dizer-nos alguma coisa daquelas que sabes?"

Possum, inquit.

"Posso", disse.

Nisi molestum est, inquam, profer aliquid.

"Se não te custa", insisti, "dá um exemplo."

Et cum dubitaret: Scisne, inquam, saltem te vivere?

Como ele hesitasse, perguntei: "Sabes, pelo menos, que estás vivo?"

Scio, inquit.

"Sei", respondeu.

Scis ergo habere te vitam, siquidem vivere nemo nisi vita potest.

"Sabes então que tens vida, pois ninguém vive senão pela vida."

Et hoc, inquit, scio.

"Isso também sei", disse.

Scis etiam corpus te habere?

"Sabes que tens corpo?"

Assentiebatur.

Concordou.

Ergo iam scis te constare ex corpore et vita.

"Então já sabes que és feito de corpo e vida."

Scio interim; sed utrum haec sola sint, incertus sum.

"Sei por agora, mas não tenho a certeza se são apenas estas duas coisas."

Ergo duo ista, inquam, esse non dubitas, corpus et animam; sed incertus es utrum sit aliud quod ad complendum ac perficiendum hominem valet.

"Portanto", concluí, "não dúvidas destas duas: corpo e alma, mas não sabes se há algo mais para completar o homem."

Ita, inquit.

"Exactamente", disse.

Hoc quale sit, alias, si possumus, quaeremus, inquam. Nunc illud iam ex omnibus quaero, cum fateamur cuncti neque sine corpore, neque sine anima esse posse hominem, cibos propter quid horum appetamus.

"Isso veremos noutra ocasião, se pudermos", respondi. "Agora pergunto a todos: uma vez que reconhecemos que o homem não pode existir sem corpo nem sem alma, por causa de qual destas duas procuramos os alimentos?"

Propter corpus, inquit Licentius.

"Pelo corpo", respondeu Licêncio.

Caeteri autem cunctabantur, varioque sermone inter se agebant, quomodo possit propter corpus cibus necessarius videri, cum appeteretur propter vitam, et vita non nisi ad animam pertineret.

Os outros hesitaram, discutindo entre si como poderia o alimento ser necessário ao corpo, se é desejado pela vida, e a vida só pertence à alma.

Tum ego: Videtur, inquam, vobis ad eam partem cibum pertinere, quam cibo crescere robustioremque fieri videmus?

Então eu disse: "Parece-vos que o alimento pertence à parte que vemos crescer e fortalecer-se com ele?"

Assentiebantur praeter Trygetium.

Concordaram todos, menos Trigécio.

Ait enim: Cur ego non pro edacitate mea crevi?

Que disse: "Porque é que eu não cresci por causa da minha gula?"

Modum, inquam, suum a natura constitutum habent omnia corpora, ultra quam mensuram progredi nequeant: tamen ea mensura minora essent, si eis alimenta defuissent; quod et in pecoribus facilius animadvertimus.

"Tudo que é corpo tem um limite estabelecido pela natureza", expliquei, "e não pode ultrapassá-lo. No entanto, seria menor se lhe faltassem os alimentos – vê-se isso bem nos animais."

Et nemo dubitat cibis subtractis omnium animantium corpora macescere.

"E ninguém duvida que, sem comida, os corpos emagrecem."

Macescere, inquit Licentius, non decrescere.

"Emagrecem", objectou Licêncio, "não diminuem."

Satis est mihi, inquam, ad id quod volo. Etenim quaestio est utrum ad corpus cibus pertineat. Pertinet autem, cum eo subducto, ad maciem deducitur.

"Basta-me para o que quero", respondi. "A questão é se o alimento pertence ao corpo. Ele pertence, pois a sua falta leva o corpo à magreza."

Omnes ita esse censuerunt.

Todos concordaram.

2,8 – A alma precisa do entendimento e da virtude

Quid ergo anima, inquam? nulla ne habet alimenta propria? an eius esca scientia vobis videtur?

"E a alma", perguntei, "não tem o seu próprio alimento? A ciência não vos parece ser a sua comida?"

Plane, inquit mater; nulla re alia credo ali animam quam intellectu rerum atque scientia.

"Claro que sim", disse minha mãe. "Creio que a alma se alimenta apenas do entendimento das coisas e da ciência."

De qua sententia cum Trygetius dubium se ostenderet: hodie, inquit illa, tu ipse nonne docuisti unde aut ubi anima pascatur? Nam post aliquantam prandii partem te dixisti advertisse quo vasculo uteremur, quod alia nescio qua cogitasses, nec tamen ab ipsa ciborum parte abstinueras manus atque morsus.

Como Trigécio se mostrasse duvidoso, ela retorquiu: "Tu próprio não nos ensinaste hoje de onde se alimenta a alma? Depois de uma parte do almoço, disseste que tinhas reparado em que copo bebíamos, pois estavas a pensar noutras coisas, mas nem por isso deixaste de comer."

Ubi igitur erat animus tuus, quo tempore illud, te vescente, non attendebat; inde, mihi crede, et talibus epulis animus pascitur, id est curis et cogitationibus suis, si per eas aliquid percipere possit.

"Onde estava o teu espírito nesse momento? Pois é disso, acredita em mim, e de reflexões assim, que o espírito se alimenta, ou seja, das suas preocupações e pensamentos, se por meio deles puder aprender alguma coisa."

De qua re cum dubitanter streperent: Nonne, inquam, conceditis hominum doctissimorum animos multo esse quam imperitorum quasi in suo genere pleniores atque maiores?

Enquanto eles murmuravam indecisos, eu interrompi: "Não admitis que os espíritos dos homens muito instruídos são muito mais ricos e maiores, no seu género, do que os dos ignorantes?"

Manifestum esse dixerunt.

Disseram que sim.

Recte igitur dicimus eorum animos, qui nullis disciplinis eruditi sunt, nihilque bonarum artium hauserunt, ieiunos et quasi famelicos esse.

"Então dizemos bem que os espíritos daqueles que não aprenderam nada, que nada beberam das boas artes, estão em jejum, famintos."

Plenos, inquit Trygetius, et illorum animos esse arbitror, sed vitiis atque nequitia.

"Também os espíritos daqueles", insistiu Trigécio, "me parecem cheios, mas de vícios e maldade."

Ista ipsa est, inquam, crede mihi, quaedam sterilitas et quasi fames animorum.

"Essa é precisamente", respondi, "uma certa esterilidade e fome das almas."

Nam quemadmodum corpus detracto cibo plerumque morbis atque scabie repletur, quae in eo vivam indicant famem; ita et illorum animi pleni sunt morbis quibus sua ieiunia confitentur.

"Tal como o corpo, sem alimento, se enche de doenças e chagas, que indicam uma fome viva, assim os espíritos daqueles estão cheios de doenças que revelam o seu jejum."

Etenim ipsam nequitiam matrem omnium vitiorum, ex eo quod nequidquam sit, id est ex eo quod nihil sit, veteres dictam esse voluerunt.

"A própria maldade, mãe de todos os vícios, os antigos quiseram que se chamasse assim porque 'não é nada' (nequidquam), ou seja, porque é o nada (nihil)."

Cui vitio quae contraria virtus est, frugalitas nominatur.

"A virtude contrária chama-se frugalidade."

Ut igitur haec a fruge, id est a fructu, propter quamdam animorum fecunditatem; ita illa ab sterilitate, hoc est a nihilo, nequitia nominata est: nihil est enim omne quod fluit, quod solvitur, quod liquescit et quasi semper perit.

"Assim como esta vem de 'fruto' (fruge), por causa de uma certa fecundidade da alma, aquela vem de 'esterilidade', ou seja, do 'nada' (nihilo). Pois tudo o que flui, se dissolve, se liquefaz e sempre perece, isso é nada."

Ideo tales homines etiam perditos dicimus.

"Por isso chamamos a esses homens 'perdidos'."

Est autem aliquid, si manet, si constat, si semper tale est, ut est virtus.

"Mas há algo que permanece, que é constante, que é sempre assim: é a virtude."

Huius magna pars est atque pulcherrima, quae temperantia et frugalitas dicitur.

"Uma grande e belíssima parte da virtude chama-se temperança e frugalidade."

Sed si hoc obscurius est quam ut id iam vos videre possitis; certe illud conceditis, quia si animi imperitorum etiam ipsi pleni sunt, ut corporum, ita animorum duo alimentorum genera inveniuntur; unum salubre atque utile, alterum morbidum atque pestiferum.

"Mas se isto é ainda obscuro para vós, concedei pelo menos isto: tal como nos corpos, também nas almas há dois tipos de alimentos: um saudável e útil, outro doentio e mortal."

2,9 – Não deseja quem não é são

Quae cum ita sint, arbitror die natali meo, quoniam duo quaedam esse in homine convenit inter nos, id est corpus atque animam, non me prandium paulo lautius corporibus nostris solum, sed animis etiam exhibere debere.

"Posto isto", continuei, "julgo que, no meu aniversário, uma vez que concordámos que o homem tem duas partes (corpo e alma), não devo oferecer um almoço mais lauto apenas aos vossos corpos, mas também às vossas almas."

Quod autem hoc sit prandium, si esuritis, proferam.

"Se estais com fome, dir-vos-ei qual é este almoço."

Nam si vos invitos, et fastidientes alere conabor, frustra operam insumam; magisque vota facienda sunt, ut tales epulas potius quam illas corporis desideretis.

"Porque se tentar alimentar-vos contra a vossa vontade e com fastio, perderei o meu tempo. Antes devemos rezar para que desejeis tais banquetes mais do que os corporais."

Quod eveniet si sani animi vestri fuerint: aegri enim, sicut in morbis ipsius corporis videmus, cibos suos recusant et respuunt.

"Isso acontecerá se os vossos espíritos forem sãos; pois os doentes, como vemos, recusam o seu alimento."

Omnes se vultu ipso et consentiente voce, quidquid praeparassem iam sumere ac vorare velle dixerunt.

Todos, pelo semblante e pela voz, disseram que queriam aceitar e devorar o que eu lhes preparasse.

2,10 – Todos queremos ser felizes

Atque ego rursus exordiens: Beatos esse nos volumus, inquam?

Recomecei então: "Queremos ser felizes?"

Vix hoc effuderam, occurrerunt una voce consentientes.

Mal tinha dito isto, responderam a uma voz que sim.

Videturne vobis, inquam, beatus esse qui quod vult non habet?

"Parece-vos feliz quem não tem o que quer?"

Negaverunt.

Negaram.

Quid? omnis qui quod vult habet, beatus est?

"E então? Todo aquele que tem o que quer é feliz?"

Tum mater: Si bona, inquit, velit et habeat, beatus est; si autem mala velit, quamvis habeat, miser est.

Minha mãe respondeu: "Se quer e tem coisas boas, é feliz; mas se quer coisas más, ainda que as tenha, é infeliz."

Cui ego arridens atque gestiens: Ipsam, inquam, prorsus, mater, arcem philosophiae tenuisti. Nam tibi procul dubio verba defuerunt, ut non sicut Tullius te modo panderes, cuius de hac sententia verba ista sunt. Nam in Hortensio, quem de laude ac defensione philosophiae librum fecit: Ecce autem, ait, non philosophi quidem, sed prompti tamen ad disputandum, omnes aiunt esse beatos qui vivant ut ipsi velint. Falsum id quidem: Velle enim quod non deceat, id est ipsum miserrimum. Nec tam miserum est non adipisci quod velis, quam adipisci velle quod non oporteat. Plus enim mali pravitas voluntatis affert, quam fortuna cuiquam boni (Cicerone, framm. 39 t. B.).

Sorrindo para ela e jubiloso, exclamei: "Mãe, tocaste na própria cidadela da filosofia. Faltaram-te, sem dúvida, as palavras para te exprimires como Cícero, pois é dele esta frase. No Hortênsio, o livro que escreveu em louvor e defesa da filosofia, ele diz: 'Eis que, não os filósofos propriamente, mas homens prontos a argumentar, todos afirmam que são felizes os que vivem como querem. Isto é falso: pois querer o que não é correcto é a própria infelicidade. E não é tão infeliz não conseguir o que se quer, como conseguir o que não se deve querer. Pois, mais mal causa a perversidade da vontade do que a sorte pode trazer bem a alguém.'"

In quibus verbis illa sic exclamabat, ut obliti penitus sexus eius, magnum aliquem virum considerare nobiscum crederemus, me interim, quantum poteram, intellegente ex quo illa, et quam divino fonte manarent.

A estas palavras, minha mãe exclamou com tal entusiasmo que, esquecidos do seu sexo, acreditámos estar na presença de um grande homem. Eu, entretanto, percebia, quanto podia, de que fonte divina brotavam tais palavras.

Et Licentius: Sed dicendum, inquit, tibi est, ut beatus sit quisque, quid velle debeat, et quarum rerum eum oporteat habere desiderium.

Licêncio, então, disse: "Mas deves dizer-nos, para que alguém seja feliz, o que deve querer e que coisas deve desejar."

Invita me, inquam, natali tuo, quando dignaberis; quidquid apposueris libenter sumam.

"Convida-me no teu aniversário", respondi, "e quando te dignares, aceitarei de bom grado o que quer que me sirvas."

Qua conditione hodie apud me ut epuleris peto, nec flagites quod fortasse non est paratum.

"Com essa condição, peço-te que comas hoje em minha casa, e não exijas o que talvez não esteja preparado."

Quem cum modestae ac verecundae commonitionis suae poeniteret: Ergo illud, inquam, convenit inter nos, neque quemquam beatum esse posse, qui quod vult non habet; neque omnem qui quod vult habet, beatum esse?

Arrependido da sua admoestação modesta e respeitosa, Licêncio calou-se. "Portanto", concluí, "concordamos que nem pode ser feliz quem não tem o que quer, nem todo o que tem o que quer é feliz?"

Dederunt.

Concordaram.

2,11 – Não é feliz quem não pode ter o que quer

Quid illud, inquam, conceditis, omnem qui beatus non sit, miserum esse?

"E quanto a isto", perguntei, "concedeis que todo aquele que não é feliz é infeliz?"

Non dubitaverunt.

Não hesitaram.

Omnis igitur, inquam, qui quod vult non habet, miser est.

"Então todo aquele que não tem o que quer é infeliz", concluí.

Placuit omnibus.

Concordaram.

Quid ergo sibi homo comparare debet, ut beatus sit, inquam? Forte enim etiam hoc isti nostro convivio subministrabitur, ne Licentii aviditas negligatur: nam id, opinor, ei comparandum est, quod cum vult, habet.

"Que deve, pois, o homem adquirir para ser feliz?", perguntei. "Talvez isto mesmo vá ser servido neste nosso banquete, para que a gula de Licêncio não seja esquecida: penso que ele deve adquirir aquilo que, quando quer, tem."

Manifestum esse dixerunt.

Todos concordaram.

Id ergo, inquam, semper manens, nec ex fortuna pendulum, nec ullis subiectum casibus esse debet.

"Isso, portanto", prossegui, "deve ser algo permanente, que não dependa da sorte nem esteja sujeito aos acasos."

Nam quidquid mortale et caducum est, non potest a nobis quando volumus, et quamdiu volumus haberi.

"Pois tudo o que é mortal e perecível não pode ser tido por nós quando queremos e durante o tempo que queremos."

Assentiebantur omnes.

Concordaram.

Sed Trygetius: Sunt, inquit, multi fortunati, qui eas ipsas res fragiles casibusque subiectas, tamen iucundas pro hac vita cumulate largeque possideant, nec quidquam illis eorum quae volunt desit.

Trigécio, porém, objectou: "Há muitos afortunados que possuem essas mesmas coisas frágeis e sujeitas ao acaso, e as possuem em abundância para esta vida, e não lhes falta nada do que desejam."

Cui ego: Qui timet, inquam, videtur tibi beatus esse?

Perguntei-lhe: "Quem teme, parece-te feliz?"

Non videtur, inquit.

"Não", respondeu.

Ergo quod amat quisque si amittere potest, potestne non timere?

"Então, se alguém ama alguma coisa que pode perder, pode deixar de temê-la?"

Non potest, inquit.

"Não pode."

Amitti autem possunt illa fortuita.

"Ora, essas coisas fortuitas podem perder-se."

Non igitur haec qui amat et possidet, potest ullo modo beatus esse.

"Quem as ama e as possui não pode, de modo algum, ser feliz."

Nihil repugnavit.

Não teve resposta.

Hoc loco autem mater: Etiamsi securus sit, inquit, ea se omnia non esse amissurum, tamen talibus satiari non poterit. Ergo et eo miser, quo semper est indigus.

Minha mãe acrescentou: "Ainda que ele esteja seguro de que não as perderá, nunca se poderá saciar com tais coisas. Portanto, também por isso é infeliz: porque está sempre necessitado."

Cui ego: Quid, si, inquam, his omnibus abundans rebus atque circumfluens, cupiendi modum sibi statuatur, eisque contentus decenter iucundeque perfruatur; nonne tibi videtur beatus?

"E se", insisti, "ele, abundando e transbordando de todas essas coisas, impuser um limite ao seu desejo, se contentar com elas e as fruir decentemente e com prazer, não te parece feliz?"

Non ergo, inquit, illis rebus, sed animi sui moderatione beatus est.

"Nesse caso", respondeu ela, "não é feliz por causa dessas coisas, mas pela moderação do seu espírito."

Optime, inquam, nec huic interrogationi aliud, nec abs te aliud debuit responderi.

"Muito bem", disse eu. "Era exactamente isso que eu queria ouvir."

Ergo nullo modo dubitamus, si quis beatus esse statuit, id eum sibi comparare debere quod semper manet, nec ulla saeviente fortuna eripi potest.

"Portanto, não duvidamos que, se alguém decide ser feliz, deve adquirir para si o que permanece para sempre e que nenhuma adversidade pode arrebatá-lo."

Hoc, inquit, Trygetius, iamdudum consensimus.

"Já concordámos nisso há muito", disse Trigécio.

Deus, inquam, vobis aeternus, et semper manens videtur?

"Deus é eterno e sempre permanente, não vos parece?"

Hoc quidem inquit Licentius, ita certum est, ut interrogatione non egeat; caeterique omnes pia devotione concinuerunt.

"Tão certo", respondeu Licêncio, "que nem precisa de pergunta." E todos, com piedosa devoção, confirmaram.

Deum igitur, inquam, qui habet, beatus est.

"Quem tem, pois, a Deus, é feliz."

2,12 – O que pensou cada comensal

Quod cum gaudentes libentissime acciperent: Nihil ergo, inquam, nobis iam quaerendum esse arbitror, nisi quis hominum habeat Deum; beatus enim profecto is erit. De quo quaero quid vobis videatur.

Eles acolheram isso com alegria, e eu continuei: "Nada mais nos resta investigar, julgo, senão que homem tem a Deus, pois esse será certamente feliz. Que vos parece?"

Hic Licentius: Deum habet, qui bene vivit.

Licêncio respondeu: "Tem a Deus quem vive bem."

Trygetius: Deum habet, inquit, qui facit quae Deus vult fieri.

Trigécio: "Tem a Deus quem faz o que Deus quer."

In cuius sententiam Lastidianus concessit.

Lastidiano concordou com Trigécio.

Puer autem ille minimus omnium: Is habet Deum, ait, qui spiritum immundum non habet (cf. Mt 5, 8).

Meu filho, o mais novo, disse: "Tem a Deus quem não tem o espírito imundo" (cf. Mt 5,8).

Mater vero omnia, sed hoc maxime approbavit.

Minha mãe aprovou todas as respostas, mas sobretudo esta.

Navigius tacebat. Quem cum interrogassem quid sentiret, illud ultimum sibi placere respondit.

Navigio estava calado; perguntei-lhe e respondeu que preferia a última.

Nec Rusticum percontari visum est neglegendum, quaenam esset de re tanta eius sententia, qui mihi videbatur non deliberatione magis quam pudore impeditus silere; Trygetio consensit.

Não quis deixar de perguntar a Rústico, que me parecia calado não por deliberação, mas por timidez; respondeu que concordava com Trigécio.

2,13 – A investigação tem limites

Tum ego: Teneo, inquam, omnium placita de re magna sane, et ultra quam nec quaeri quidquam oportet, nec inveniri potest, si modo eam, uti coepimus, serenissime ac sincerissime investigemus.

"Então", disse eu, "tenho as vossas opiniões sobre uma questão importantíssima, além da qual nada mais se deve investigar nem pode ser encontrado, desde que a investiguemos, como começámos, com toda a serenidade e sinceridade."

Quod hodie quia longum est, et habent in epulis suis et animi quamdam luxuriam, si ultra modum in eas et voraciter irruant (ita enim male quodammodo digerunt; unde valetudini mentium non minus quam ab illa ipsa fame metuendum est), melius nos haec quaestio cras esurientes, si videtur, accipiet.

"Mas como hoje o tempo é escasso, e as almas também têm a sua gulodice nos banquetes, se se atiram aos alimentos sem medida e vorazmente (pois assim digerem mal, e há que temer pela saúde do espírito tanto quanto pela própria fome), é melhor que esta questão nos receba amanhã, com fome, se vos parecer."

Illud modo libenter liguriatis volo, quod subito mihi ministratori vestro in mentem suggestum est inferendum; et est, nisi fallor, qualia solent ultima apponi, quasi scholastico melle confectum atque conditum.

"Agora quero que lambisqueis com gosto aquilo que de repente me veio à mente, como vosso mordomo, para vos servir. É, se não me engano, como essas sobremesas que se servem no fim, feitas e temperadas com um certo mel escolástico."

Quo audito sese omnes quasi in elatum ferculum tetenderunt, coegeruntque ut dicere properarem quidnam id esset.

Ouvindo isto, todos se esticaram como para um prato erguido, e obrigaram-me a apressar-me a dizer o que era.

Quid, inquam, putatis, nisi cum Academicis totum quod susceperamus confectum esse negotium?

"Que acham?", perguntei. "Senão que, com os Académicos, todo o nosso assunto está resolvido?"

Quo accepto nomine, tres illi quibus res nota erat, sese erexerunt alacrius; et velut porrectis, ut fit, manibus inferentem ministrum adiuverunt, quibus potuerunt verbis, nihil se iucundius audituros esse monstrantes.

Ao ouvir este nome, os três que sabiam do que se tratava endireitaram-se muito animados e, como que estendendo as mãos para ajudar o mordomo, disseram com as palavras que puderam que nada ouviriam mais agradável.

2,14 – Os Académicos, por não encontrarem a verdade, não podem ser felizes

Tum ego ita rem posui. Si manifestum est, inquam, beatum non esse qui quod vult non habet, quod paulo ante ratio demonstravit; nemo autem quaerit quod invenire non vult, et quaerunt illi semper veritatem: volunt ergo invenire; volunt igitur habere inventionem

veritatis. At non inveniunt: sequitur eos non habere quod volunt; et ex eo sequitur etiam beatos non esse. At nemo sapiens, nisi beatus: sapiens igitur Academicus non est.

Então expus a questão. "Se é manifesto", comecei, "que não é feliz quem não tem o que quer – como a razão demonstrou há pouco –, e ninguém procura o que não quer encontrar, e os Acadêmicos procuram sempre a verdade, então querem encontrá-la; querem, por conseguinte, possuir a verdade encontrada. Ora, não a encontram: logo, não têm o que querem; e, portanto, não são felizes. Ora, ninguém é sábio senão o feliz. Logo, o Acadêmico não é sábio."

Hic repente illi, quasi totum rapientes exclamaverunt.

A isto, eles exclamaram como que arrebatando tudo.

Sed Licentius attentius et cautius advertens timuit assensionem, atque subiecit: Rapui quidem vobiscum, siquidem exclamavi illa conclusione commotus. Sed nihil hinc admittam in viscera, et partem meam servabo Alypio: nam aut simul eam mecum lambet, aut admonebit cur non oporteat attingere.

Mas Licêncio, mais atento e cauteloso, receou a concordância e acrescentou: "Arrebatei, de facto, convosco, pois exclamai comovido com essa conclusão. Mas não a admitirei nas entranhas; guardarei a minha parte para Alípio. Ou ele a lamberá comigo, ou me avisará porque não se deve tocar nela."

Dulcia, inquam, magis metuere Navigius deberet, splene vitioso.

Sorrindo, disse: "Navigio é que devia ter medo de coisas doces, por causa do seu baço doentio."

Hic ille arridens: Plane, inquit, me talia sanabunt. Nam nescio quomodo contortum hoc et aculeatum, quod posuisti, ut ait ille, de melle Hymetio, acriter dulce est, nihilque inflat viscera. Quare totum etiam, palato aliquantum remorso, tamen ut possum libentissime in medullas traicio. Non enim video quomodo redargui possit ista conclusio.

Ele, rindo, respondeu: "Claro que tais coisas me curarão. Não sei como, mas esta tua conclusão, tão tortuosa e pontiaguda, é como o mel do Hymeto; é agridoce e não incha as vísceras. Por isso, mesmo mordendo um pouco o paladar, engulo-a de bom grado para as medulas. Não vejo como possa ser refutada."

Prorsus nullo modo potest, inquit Trygetius. Quare gaudeo iamdiu cum illis me inimicitias suscepisse. Nam nescio qua impellente natura, vel, ut verius dicam, Deo, etiam nesciens quomodo refellendi essent, tamen eis nimis adversabar.

"Absolutamente de modo nenhum", disse Trigécio. "Por isso me alegro de há muito ter rompido com eles. Pois não sei que força de natureza (ou melhor, Deus) me impelia a opor-me a eles ferozmente, mesmo sem saber como os havia de refutar."

2,15 – Agostinho assim o crê, mas Licêncio discute

Hic Licentius: Ego, inquit, illos nondum desero.

Licêncio, porém, afirmou: "Eu ainda não os abandono."

Ergo, ait Trygetius, dissentis a nobis?

"Então discordas de nós?", perguntou Trigécio.

Numquidnam, ille inquit, vos ab Alypio dissentitis?

"Porventura discordais vós de Alípio?", retorquiou Licêncio.

Cui ego: Non dubito, inquam, quin si adesset Alypius, huic ratiunculae cederet.

Respondi: "Não tenho dúvidas de que, se Alípio estivesse aqui, cederia a este argumento."

Non enim tam absurde sentire poterat, ut aut beatus illi videretur, qui tantum bonum animi, quod ardentissime vellet habere, non haberet, aut illos nolle invenire veritatem, aut eum qui beatus non sit esse sapientem: nam his tribus, quasi melle, farre, atque nucleis, illud quod metuis gustare, confectum est.

"Pois não poderia pensar de forma tão absurda: que fosse feliz quem não tem um bem tão grande da alma (que ardentemente quereria ter), ou que os Académicos não quisessem encontrar a verdade, ou que quem não é feliz pudesse ser sábio. Pois com estas três premissas – como se fossem mel, farinha e miolos – foi feito o doce que receias saborear."

Illene huic tam parvae puerorum illecebrae cederet, Academicorum tanta ubertate deserta, qua inundante hoc nescio quid breve aut obruetur, aut pertrahetur?

"Cederia ele a este pequeno atractivo infantil, abandonando a tão rica colmeia dos Académicos, que, inundando tudo, acabaria por afogar ou arrastar esta coisinha?"

Quasi vero, inquam, longum aliquid nos quaeramus, praesertim adversus Alypium: nam non mediocriter parva ista esse fortia et utilia, satis sibi ipse de tuo corpore argumentatur.

"Como se", respondi, "procurássemos algo grande, sobretudo contra Alípio! Mas não subestimes estas coisas pequenas; elas são fortes e úteis, como o teu próprio corpo o demonstra."

Tu autem qui elegisti de absentis auctoritate pendere, quid horum non probas? Utrum beatum non esse, qui quod vult non habet? an illos negas velle habere inventam veritatem, quam vehementer inquirunt? an videtur tibi quisquam sapiens non beatus?

"Tu, que preferes depender da autoridade de um ausente, qual destas premissas rejeitas? A de que não é feliz quem não tem o que quer? Ou negas que eles querem ter a verdade que tão ardentemente procuram? Ou achas que alguém pode ser sábio sem ser feliz?"

Prorsus beatus est, inquit, qui quod vult non habet, quasi stomachanter arridens.

"Absolutamente", respondeu Licêncio, rindo-se com ironia, "é feliz quem não tem o que quer."

Quod cum iuberem ut scriberetur: Non dixi, inquit exclamans.

Mandei que escrevessem, mas ele gritou: "Não disse!"

Quod item cum annuerem scribi: Dixi, inquit.

Voltei a acenar que escrevessem, e ele disse: "Disse."

Atque ego semel praeceperam ut nullum verbum praeter litteras funderet. Ita adolescentem inter verecundiam atque constantiam exagitatum tenebam.

Eu tinha ordenado que ele não dissesse nada sem ser por escrito. Assim mantinha o jovem indeciso entre a vergonha e a teimosia.

2,16 – Mónica chama-lhes caducários

Sed cum his verbis eum iocantes, quasi ad vescendam particulam suam provocamus, animadverti caeteros rei totius ignaros, et scire cupientes quid inter nos solos tam iucunde ageretur, sine risu nos intueri.

Enquanto, brincando, o provocávamos a comer a sua parte, notei que os outros, ignorando tudo e querendo saber o que se passava tão agradavelmente entre nós, nos olhavam sérios.

Qui mihi prorsus similes visi sunt, quod plerumque solet, iis qui cum epulantur inter avidissimos rapacissimosque convivas, a rapiendo vel gravitate sese abinent, vel pudore terrentur.

Pareceram-me como aqueles que, num banquete com comensais muito ávidos, se abstêm por dignidade ou por vergonha.

Et quia ego invitaveram, et magni cuiusdam hominis personam, atque ut totum explicem, veri hominis etiam in illis epulis invitorem sustinere docuisti, commovit me illa inaequalitas mensae nostrae et discrepantia.

Como eu os tinha convidado e tinha a responsabilidade de anfitrião, aquela desigualdade à mesa comoveu-me.

Arrisi matri.

Sorri para minha mãe.

Atque illa liberrime quod minus habebant, quasi de suo cellario promendum imperans: lam dic nobis, inquit, et redde qui sint isti Academici, et quid sibi velint?

Ela, muito à vontade, como quem manda buscar algo da sua despensa, disse: "Dizei-me lá: quem são esses Académicos e o que querem?"

Cui breviter cum exposuissent aperteque, ita ut nemo illorum ignarus abscederet: Isti homines, inquit, caducarii sunt (quo nomine vulgo apud nos vocantur, quos comitalis morbus subvertit), et simul surrexit ut abiret; atque hic omnes laeti ac ridentes, interposito fine discessimus.

Expliquei-lhe breve e claramente, de modo que todos ficaram a saber. Então ela disse: "Esses homens são uns caducários (como chamamos vulgarmente aos epilépticos)." E levantou-se para sair. Todos, rindo e alegres, terminámos ali a conversa e retirámo-nos.

CAPÍTULO III

3,17 – Recordam-se as palavras ditas

Postridie autem cum item post prandium, sed aliquanto quam pridie serius, iidem ibidemque consedissemus: Tarde, inquam, venistis ad convivium: quod vobis non cruditate accidisse arbitror, sed paucitatis ferculorum securitate; quod non tam mature aggrediendum visum est, quod cito vos peresuros putastis.

No dia seguinte, depois do almoço, mas um pouco mais tarde que na véspera, sentámo-nos outra vez no mesmo local. Então comecei: "Chegastes tarde ao banquete. Acho que não foi por indigestão, mas pela certeza de que havia pouca comida; não vos pareceu preciso apressar-vos, porque julgáveis que comeríeis depressa."

Non multum enim reliquiarum credendum erat remansisse, ubi die ipso atque solemnitate exiguum repertum erat.

"Na verdade, não devia haver muitas sobras, pois no próprio dia da festa encontrou-se pouca coisa."

Fortasse recte. Sed quid vobis praeparatum sit, ego quoque vobiscum nescio. Alius est enim qui omnibus cum omnes, tum maxime tales epulas praebere non cessat: sed nos ab edendo, vel imbecillitate, vel saturitate, vel negotio plerumque cessamus: quem

manentem in hominibus beatos eos facere, inter nos heri, ni fallor, pie constanterque convenerat.

"Talvez tenhais razão. Mas o que vos está preparado, eu também o ignoro. Quem nunca deixa de oferecer esses banquetes a todos – e sobretudo a tais banquetes – é outro. Nós é que, por fraqueza, saciedade ou ocupação, deixamos de comer. Ontem, se não me engano, concordámos, com piedade e firmeza, que Ele, permanecendo nos homens, os torna felizes."

Nam cum ratio demonstrasset eum beatum esse qui Deum haberet, nec huic quisquam vestrum sententiae restitisset, quaesitum est quisnam vobis videretur Deum habere. De qua re, si bene memini, tres sententiae dictae sunt.

"Quando a razão demonstrou que é feliz quem tem a Deus, e nenhum de vós discordou, perguntámos que homem vos parecia ter a Deus. Lembro-me de que foram dadas três respostas."

Nam partim placuit Deum habere illum qui ea faceret quae Deus vellet. Quidam autem dixerunt quod is Deum haberet, qui bene viveret. Reliquis vero in eis Deus esse visus est, in quibus immundus qui appellatur, spiritus non est.

"Uns disseram que tem a Deus quem faz o que Deus quer. Outros, que tem a Deus quem vive bem. Outros, finalmente, que Deus está naqueles que não têm o chamado espírito imundo."

3,18 – Os debatedores, com palavras diversas, disseram o mesmo

Sed fortasse omnes diversis verbis unum idemque sensistis. Nam si duo prima consideremus, et omnis qui bene vivit, ea facit quae vult Deus; et omnis qui ea facit quae vult Deus, bene vivit; nec quidquam est aliud bene vivere, quam ea facere quae Deo placeant: nisi quid vobis aliud videtur.

"Mas talvez todos, com palavras diferentes, tenhais dito a mesma coisa. Vejamos as duas primeiras: quem vive bem faz o que Deus quer; e quem faz o que Deus quer vive bem. Viver bem é exactamente fazer o que agrada a Deus – a não ser que penseis de outro modo."

Assentiebantur.

Concordaram.

Tertium vero illud paulo diligentius considerandum est, propterea quod ritu castissimorum sacrorum spiritus immundus, quantum intellego, duobus modis appellari solet: vel ille qui extrinsecus invadit animam sensusque conturbat, et quemdam hominibus infert furorem; cui excludendo qui praesunt, manum imponere vel exorcizare dicuntur, hoc est, per divina eum adiurando expellere: aliter autem dicitur spiritus

immundus, omnis omnino anima immunda; quod nihil est aliud quam vitiis et erroribus inquinata.

"Quanto à terceira resposta, precisamos examiná-la com mais cuidado. Segundo o ritual dos santíssimos mistérios, o 'espírito imundo' pode ser entendido de duas maneiras, pelo que sei: ou como aquele espírito que invade a alma de fora, perturba os sentidos e causa loucura nos homens – e para o expulsar, os que presidem impõem as mãos ou exorcizam; ou então chama-se espírito imundo a toda alma impura, ou seja, manchada por vícios e erros."

Itaque abs te quaero, tu puer, qui fortasse aliquanto sereniore ac purgatiore spiritu istam sententiam protulisti, qui tibi videatur immundum spiritum non habere: illene qui daemonem non habet, quo vesani homines fieri solent; an ille qui animam suam iam a vitiis omnibus peccatisque mundavit?

"Pergunto-te, meu menino – tu que proferiste essa sentença com um espírito talvez mais sereno e purificado –: quem te parece não ter o espírito imundo? Aquele que não tem o demónio que enlouquece os homens? Ou aquele que já purificou a sua alma de todos os vícios e pecados?"

Is mihi videtur, inquit, immundum spiritum non habere, qui caste vivit.

Ele respondeu: "Parece-me que não tem o espírito imundo quem vive castamente."

Sed castum, inquam, quem vocas? eumne qui nihil peccat, an eum tantum, qui ab illicito concubitu temperat?

"E a quem chamas casto?", perguntei. "Àquele que nada peca, ou apenas àquele que se abstém de relações ilícitas?"

Quomodo, inquit, castus potest esse, si ab illicito tantum concubitu abstinens sese, caeteris peccatis non desinit inquinari? Ille est vere castus, qui Deum attendit, et ad ipsum solum se tenet.

"Como pode ser casto", replicou ele, "quem, abstendo-se apenas das relações ilícitas, continua a manchar-se com outros pecados? Verdadeiramente casto é quem se fixa em Deus e só a Ele se apega."

Quae verba pueri sicut dicta erant, cum conscribi mihi placuisset: Is ergo, inquam, necesse est ut bene vivat, et qui bene vivit necessario talis est; nisi quid tibi aliud videtur.

Como estas palavras do menino me agradaram, mandei registá-las. "Então", concluí, "é necessário que ele viva bem, e quem vive bem é necessariamente assim – a não ser que discordeis."

Concessit cum caeteris.

Ele concordou com os outros.

Ergo una est hic, inquam, dicta sententia.

"Portanto", disse eu, "a sentença é uma só."

3,19 – Se procurar a Deus é viver feliz

Sed illud a vobis paululum quaero, velitne Deus ut homo Deum quaerat?

"Pergunto-vos agora: quer Deus que o homem O procure?"

Dederunt.

Concordaram.

Item quaero; numquidnam possumus dicere, illum qui Deum quaerit, male vivere?

"Podemos dizer que quem procura a Deus vive mal?"

Nullo modo, dixerunt.

"De modo nenhum."

Etiam hoc tertium respondete; spiritus immundus potestne Deum quaerere?

"E o espírito imundo pode procurar a Deus?"

Negabant, aliquantum dubitante Navigio, qui postea caeterorum vocibus cessit.

Negaram, com alguma hesitação de Navigio, que depois cedeu aos outros.

Si igitur, inquam, qui Deum quaerit, id facit quod Deus vult, et bene vivit, et spiritum immundum non habet; qui autem Deum quaerit, nondum habet Deum: non igitur quisquis aut bene vivit, aut quod vult Deus facit, aut spiritum immundum non habet, continuo Deum habere dicendus est.

"Se assim é", continuei, "quem procura a Deus faz o que Deus quer, vive bem e não tem o espírito imundo. Mas quem procura a Deus ainda não possui a Deus. Logo, nem todo aquele que vive bem, ou faz o que Deus quer, ou não tem o espírito imundo, pode ser automaticamente considerado como tendo a Deus."

Hic cum se caeteri concessionibus suis deceptos riderent, postulavit mater, cum diu stupida fuisset, ut ei hoc ipsum quod conclusionis necessitate intorte dixeram, explicando relaxarem atque solverem.

Eles riram, vendo-se apanhados pelas próprias concessões. Minha mãe, que estivera muito tempo atônita, pediu que eu explicasse e desfizesse aquele argumento apertado.

Quod cum factum esset: Sed nemo, inquit, potest pervenire ad Deum, nisi Deum quaesierit.

Depois de o fazer, ela disse: "Mas ninguém pode chegar a Deus senão procurando-O."

Optime, inquam. Tamen qui adhuc quaerit, nondum ad Deum pervenit, et iam bene vivit. Non igitur quisquis bene vivit, Deum habet.

"Muito bem", disse eu. "Todavia, quem ainda procura ainda não chegou a Deus, e já vive bem. Portanto, nem todo o que vive bem tem a Deus."

Mihi, inquit, videtur Deum nemo non habere: sed eum qui bene vivit, habent propitium; qui male, infestum.

Ela respondeu: "Parece-me que ninguém deixa de ter a Deus; mas quem vive bem tê-Lo-á favorável; quem vive mal, adverso."

Male igitur, inquam, hesterno die concessimus eum beatum esse qui Deum habet: siquidem omnis homo Deum habet, nec tamen omnis homo beatus est.

"Então", disse eu, "ontem concedemos mal que é feliz quem tem a Deus; pois todo o homem tem a Deus, mas nem todos são felizes."

Adde ergo, inquit, propitium.

"Acrescenta, então", disse ela, "favorável."

3,20 – Se o sábio dos Académicos procura Deus – Navigio objeta

Saltem, inquam, hoc inter nos satis constat, eum beatum esse qui habet propitium Deum?

"Ao menos, concordemos nisto: é feliz quem tem Deus favorável?"

Vellem, inquit Navigius, consentire: sed illum vereor qui adhuc quaerit; praesertim ne concludas beatum esse Academicum, qui hesterno sermone, vulgari quidem et male latino, sed aptissimo sane, ut mihi videtur, verbo caducarius nominatus est.

Navigio respondeu: "Gostaria de concordar, mas receio o caso daquele que ainda procura – para que não concluas que o Académico (aquele que ontem chamámos, com uma palavra vulgar e de mau latim, mas muito adequada, 'caducário') é feliz."

Non enim possum dicere homini Deum quaerenti adversum Deum esse: quod si dici nefas est, propitius erit; et qui propitium Deum habet, beatus est. Beatus ergo erit ille qui quaerit: omnis autem quaerens nondum habet quod vult. Erit igitur beatus homo qui quod vult non habet, quod heri nobis omnibus videbatur absurdum; unde credebamus Academicorum tenebras esse discussas.

"Pois não posso dizer que Deus é adverso a quem O procura – isso seria ímpio –, logo ser-Lhe-á favorável; e quem tem Deus favorável é feliz. Portanto, seria feliz aquele que procura. Mas quem procura ainda não tem o que quer. Seria, então, feliz quem não tem o que quer – precisamente o que ontem achámos absurdo, quando pensávamos ter dissipado as trevas dos Académicos."

Quare iam de nobis Licentius triumphabit; mihi que illa dulcia, quae contra valetudinem meam temere accepi, has de me poenas exigere, quasi prudens medicus admonebit.

"Assim, Licêncio triunfará sobre nós; e eu, que comi aqueles doces contra a minha saúde, terei de pagar este preço, como um médico prudente me avisará."

3,21 – Quem procura e tem Deus favorável é apto para a vida feliz

Hic cum etiam mater arrisisset: Ego, inquit, Trygetius, non concedo continuo Deum adversari cui non sit propitius, sed esse aliquid medium puto.

Minha mãe, sorrindo, interveio: "Trigécio, eu não concedo que seja logo adverso aquele a quem Deus não é favorável. Penso que há um meio-termo."

Cui ego: Istum tamen hominem, inquam, medium, cui nec Deus propitius est nec infestus, Deum quoquo modo habere concedis?

Perguntei: "E a esse homem do meio, a quem Deus não é nem favorável nem adverso, concedes que tem a Deus de alguma forma?"

Hic cum ille cunctaretur: Aliud est, inquit mater, Deum habere, aliud non esse sine Deo.

Ela hesitou e respondeu: "Uma coisa é ter a Deus, outra é não estar sem Deus."

Quid ergo, inquam, melius est; utrum habere Deum, an non esse sine Deo?

"O que é melhor?", insisti. "Ter a Deus ou não estar sem Deus?"

Quantum, inquit, possum intellegere, ista est sententia mea: qui bene vivit, habet Deum, sed propitium; qui male, habet Deum, sed adversum. Qui autem adhuc quaerit, nondumque invenit, neque propitium neque adversum, sed non est sine Deo.

"Pelo que posso entender", disse ela, "quem vive bem tem a Deus, mas favorável; quem vive mal tem a Deus adverso; quem ainda procura e ainda não encontrou, nem favorável nem adverso, mas não está sem Deus."

Haecine, inquam, vestra etiam sententia est?

"E vós todos pensais assim?"

Hanc esse dixerunt.

Disseram que sim.

Dicite mihi, quaeso, inquam: non vobis videtur esse homini Deus propitius cui favet?

"Pergunto, então: não vos parece que Deus é favorável a quem Ele favorece?"

Esse confessi sunt.

Concordaram.

Non ergo, inquam, favet Deus quaerenti sese homini?

"Portanto, Deus favorece quem O procura?"

Responderunt favere.

Responderam que sim.

Habet igitur, inquam, qui Deum quaerit, Deum propitium; et omnis qui habet Deum propitium, beatus est. Beatus est ergo et ille qui quaerit. Qui autem quaerit, nondum habet quod vult. Erit igitur beatus qui quod vult non habet.

"Então quem procura a Deus tem Deus favorável; e todo o que tem Deus favorável é feliz. Logo, quem procura é feliz. Mas quem procura ainda não tem o que quer. Seria feliz, então, quem não tem o que quer."

Prorsus, inquit mater, non mihi videtur beatus esse qui quod vult non habet.

Minha mãe respondeu: "Absolutamente, não me parece feliz quem não tem o que quer."

Ergo, inquam, non omnis qui habet Deum propitium, beatus est.

"Então", concluí, "nem todo o que tem Deus favorável é feliz."

Si hoc cogit ratio, inquit, non possum negare.

"Se a razão obriga a isso", disse ela, "não posso negar."

Ista igitur, inquam, distributio erit, ut omnis qui iam Deum invenit et propitium Deum habeat, et beatus sit: omnis autem qui Deum quaerit propitium Deum habeat, sed nondum sit beatus; iamvero quisquis vitiis atque peccatis a Deo se alienat, non modo beatus non sit, sed ne Deo quidem vivat propitio.

"Ficará assim: todo o que já encontrou Deus tem Deus favorável e é feliz; todo o que procura Deus tem Deus favorável, mas ainda não é feliz; e quem se afasta de Deus pelos vícios e pecados, não só não é feliz, como nem sequer vive com Deus favorável."

3,22 – Se alguém ainda procurando Deus está necessitado, é infeliz

Quod cum placuisset omnibus: Bene habet, inquam; sed adhuc illud vereor, ne vos moveat quod iam superius concesseramus, miserum esse quisquis beatus non esset: cui consequens erit esse miserum hominem qui [propitium tenet Deum, quem adhuc Deum quaerentem nondum diximus esse beatum].

Todos concordaram. Então eu disse: "Está bem, mas ainda receio uma coisa. Já concedemos que é infeliz todo aquele que não é feliz; portanto, seria infeliz aquele que tem Deus favorável, mas que ainda procura e ainda não é feliz."

An vero, quod ait Tullius, multorum in terris praediorum dominos divites appellamus; omnium virtutum possessores pauperes nominabimus? (Cicerone, Hort. framm. 104)

"Cícero pergunta: chamamos ricos aos donos de muitas terras, e chamaremos pobres aos que possuem todas as virtudes? (Cic., Hort. fr. 104)"

Sed illud videte, utrum quomodo verum est quod omnis egens miser sit, ita sit verum quod omnis miser egeat. Ita enim erit verum, nihil aliud esse miseriam quam egestatem, quod me nunc, cum diceretur, laudare sensistis.

"Vede, porém: se é verdade que todo o necessitado é infeliz, será igualmente verdade que todo o infeliz é necessitado? Se sim, então a miséria não seria outra coisa senão a necessidade – ideia que vos agradou quando foi dita."

Hoc autem hodie longum est ut quaeramus; quare peto ne fastidio vobis sit ad istam mensam cras etiam convenire.

"Mas investigar isso hoje é longo. Peço, pois, que não vos aborreça voltar amanhã a esta mesa."

Quod cum omnes se libentissime habere dixissent, surreximus.

Todos disseram que o fariam com muito gosto, e levantámo-nos.

CAPÍTULO IV

4,23 – O que é a necessidade

Tertius autem dies disputationis nostrae matutinus, nubes quae nos cogebant in balneas, dissipavit, tempusque pomeridianum candidissimum reddidit. Placuit ergo in pratuli propinqua descendere, atque omnibus nobis ubi commodum visum est considentibus, reliquus ita sermo peractus est.

No terceiro dia da nossa discussão, pela manhã, as nuvens que nos impediam de sair das termas dissiparam-se, e a tarde ficou claríssima. Resolvemos descer a um prado próximo e, sentando-nos onde nos pareceu bem, concluímos a conversa assim.

Omnia pene, inquam, quae interroganti mihi concedi a vobis volui, habeo ac teneo: quare hodierno die, quo possimus tandem hoc nostrum convivium aliquo intervallo dierum distinguere, aut nihil, aut non multum erit, ut opinor, quod mihi vos respondere necesse sit.

"Tenho e retenho quase tudo o que quis que me concedêsseis perguntando. Portanto, hoje, para que possamos finalmente distinguir este nosso banquete com algum intervalo, nada ou muito pouco precisareis responder-me."

Dictum enim erat a matre, nihil aliud esse miseriam quam egestatem, convenitque inter nos, qui egeant miseros esse. Sed utrum omnes etiam miseri egeant, nonnulla quaestio est, quam hesterno die non potuimus explicare.

"Minha mãe disse que a miséria não é outra coisa senão a necessidade, e concordámos que os necessitados são infelizes. Mas saber se todos os infelizes são necessitados é uma questão que não pudemos resolver ontem."

Hoc autem ita se habere, si ratio demonstraverit, perfectissime inventum est qui sit beatus: erit enim ille qui non eget. Omnis enim non miser, beatus est. Beatus est ergo qui egestate caret, si quam dicimus egestatem, eadem miseriam esse constiterit.

"Se a razão demonstrar que sim, teremos descoberto perfeitamente quem é o feliz: será aquele que não tem necessidade. Pois todo o não-infeliz é feliz. Logo, é feliz quem não tem necessidade, desde que a necessidade seja o mesmo que a miséria."

4,24 – Nem todo o que não necessita é feliz

Quid enim, ait Trygetius? non potest ex eo iam confici, omnem non egentem beatum esse, quo manifestum est omnem qui egeat esse miserum? Nam concessisse nos memini, nihil esse medium inter miserum et beatum.

Trigécio objectou: "Não se pode concluir imediatamente que todo o que não necessita é feliz, pois já sabemos que todo o que necessita é infeliz? Lembro-me de termos dito que não há meio-termo entre infeliz e feliz."

Aliquidne, inquam, inter mortuum et vivum tibi medium videtur esse? nonne omnis homo aut vivus aut mortuus est?

"Parece-te", perguntei, "que há meio-termo entre vivo e morto? Não é todo homem ou vivo ou morto?"

Fateor, inquit, neque hic esse aliquid medium: sed quorsum istud?

"Confesso", disse ele, "que também aí não há meio. Mas a que vem isso?"

Quia, inquam, etiam istud te fateri credo, omnem qui ante annum sepultus est, esse mortuum.

"Vem a que", respondi, "acredito que também concedes que todo o que foi sepultado há um ano está morto."

Non negabat.

Ele não negou.

Quid? omnis qui ante annum sepultus non est, vivit?

"E então? Todo o que não foi sepultado há um ano está vivo?"

Non, ait, sequitur.

"Não, isso não se segue", disse ele.

Ergo, inquam, non sequitur ut si omnis qui eget miser est, omnis qui non eget sit beatus, quamvis inter miserum et beatum, ut inter vivum et mortuum, medium nihil inveniri queat.

"Portanto", concluí, "não se segue que, se todo o que necessita é infeliz, todo o que não necessita é feliz, mesmo que não haja meio-termo entre infeliz e feliz, como também não há entre vivo e morto."

4,25 – Porque a vida feliz está no espírito

Quod cum aliqui eorum paulo tardius intellexissent, me id quibus potui verbis ad eorum sensum accommodatis aperiente atque versante: Ergo, inquam, miserum esse omnem qui egeat, dubitat nemo: nec nos terrent quaedam sapientium corpori necessaria.

Como alguns demorassem mais a entender, eu repeti e expliquei, adaptando-me à sua capacidade. "Portanto", disse, "ninguém duvida que é infeliz todo aquele que necessita. E não nos perturbam certas coisas necessárias ao corpo do sábio."

Non enim eis eget ipse animus, in quo posita est vita beata. Ipse enim perfectus est; nullus autem perfectus aliquo eget: et quod videtur corpori necessarium sumet, si adfuerit; si non adfuerit, non eum istarum rerum franget inopia.

"O espírito, no qual reside a vida feliz, não precisa delas. O espírito perfeito não necessita de nada; e o que parece necessário ao corpo, ele o aceitará se estiver disponível; se não estiver, a falta dessas coisas não o abaterá."

Omnis namque sapiens fortis est; nullus autem fortis aliquid metuit. Non igitur metuit sapiens aut mortem corporis, aut dolores, quibus pellendis vel vitandis vel differendis sunt necessaria illa, quorum ei potest contingere inopia.

"Todo sábio é forte; e nenhum forte teme seja o que for. Por isso o sábio não teme a morte do corpo nem as dores; para evitar, afastar ou adiar essas coisas é que são necessárias aquelas coisas de que ele pode eventualmente carecer."

Sed tamen non desinit eis bene uti, si ipsa non desunt.

"Todavia, se essas coisas estiverem presentes, ele sabe delas usar bem."

Verissima est enim illa sententia: Nam tu quod vitare possis stultum admittere est (Terenzio, Eun. 761).

"É verdadeira aquela frase: 'Só um tolo incorre no que pode evitar' (Terencio)."

Vitabit ergo mortem ac dolorem, quantum potest et quantum decet; ne si minime vitaverit, non ex eo miser sit quia haec accidunt, sed quia vitare cum posset, noluit: quod manifestum stultitiae signum est.

"Ele evitará a morte e a dor quanto puder e for conveniente; se mesmo assim não as evitar, não será infeliz por tê-las sofrido, mas sim por ter sido tolo ao não as evitar quando podia."

Erit ergo ista non vitans, non earum rerum perpessione, sed stultitia miser.

"Quem não as evita será infeliz não por ter sofrido essas coisas, mas por tolice."

Si autem non valuerit evitare, cum id sedulo ac decenter egerit, non eum ista irruentia miserum facient.

"Se, tendo agido com cuidado e dignidade, não conseguiu evitá-las, a sua infelicidade não virá dessas coisas."

Etenim et illa eiusdem comici sententia non minus vera est: Quoniam non potest id fieri quod vis, Id velis quod possit (Terenzio, Andria 305-306).

"Também é verdadeira outra frase do mesmo poeta: 'Já que não podes ter o que queres, quer o que podes' (Terencio)."

Quomodo erit miser, cui nihil accidit praeter voluntatem? Quia quod sibi videt non posse provenire, non potest velle.

"Como poderá ser infeliz aquele a quem nada acontece contra a sua vontade? Ele não pode querer aquilo que vê ser impossível."

Habet enim rerum certissimarum voluntatem, id est, ut quidquid agit, non agat nisi ex virtutis quodam praescripto et divina lege sapientiae, quae nullo ab eo pacto eripi possunt.

"Pois tem uma vontade firmada nas coisas certíssimas: a de agir sempre segundo o preceito da virtude e a lei divina da sabedoria – coisas que ninguém lhe pode arrancar."

4,26 – Pelo contrário, necessita quem, carecendo de sabedoria, é infeliz

Iam nunc videte, utrum etiam omnis qui miser est, egeat. Nam huic sententiae concedendae difficultatem illa res facit, quod multi in magna fortuitarum rerum copia constitutis, quibus ita facilia sunt omnia, ut ad eorum nutum praesto sit quidquid cupiditas poscit.

"Vede agora se também todo o que é infeliz necessita. A dificuldade está nos muitos que, tendo grande abundância de bens da sorte, têm tudo tão fácil que, ao seu aceno, aparece o que a cobiça pede."

Difficilis quidem ista vita est. Sed fingamus aliquem tamen, qualem Tullius fuisse dicit Oratam (cf. Cicerone, Hort. framm. 10).

"Essa vida é, de facto, difícil. Mas imaginemos alguém como aquele Orata de que Cícero fala."

Quis enim facile dicat Oratam egestate laborasse, hominem ditissimum, amoenissimum, deliciosissimum, cui neque ad voluptatem quidquam defuit, neque ad gratiam, neque ad bonam integramque valetudinem?

"Quem diria que Orata passou necessidade? Era riquíssimo, amável, cheio de requintes; nada lhe faltava nem para o prazer, nem para a influência, nem para a saúde."

Nam et praediis quaestuosissimis et amicis iucundissimis, quantum libuit, abundavit; et illis omnibus aptissime ad salutem corporis usus est, eiusque (ut breviter totum explicem) omne institutum voluntatemque omnem successio prospera consecuta est.

"Tinha propriedades muito lucrativas e amigos encantadores, e tudo usava da melhor forma para a saúde do corpo. Em resumo, todo o seu plano e vontade eram coroados de êxito."

Sed fortasse inquiet aliquis vestrum, plus illum quam habebat, habere voluisse. Hoc ignoramus. Sed quod satis est quaestioni, faciamus eum non desiderasse amplius quam tenebat.

"Talvez alguém diga que ele queria mais do que tinha – não sabemos. Para efeito da questão, suponhamos que ele não desejava mais do que possuía."

Videturne vobis eguisse?

"Parece-vos que ele necessitava?"

Etiamsi concedam, inquit Licentius, nihil eum plus desiderasse, quod in homine non sapiente nescio quomodo accipiam; metuebat tamen (erat enim, ut dicitur, ingenii non

mali), ne illa omnia sibi vel uno adverso impetu raperentur. Non enim magnum erat intellegere, talia cuncta, quantacumque essent, esse sub casibus constituta.

Licêncio respondeu: "Ainda que eu conceda que ele nada mais desejou – o que, num homem não sábio, não sei como aceitar –, ele tinha medo. Era, como se diz, de inteligência não medíocre, e temia que tudo lhe fosse arrebatado por um golpe de azar. Não era difícil perceber que todas essas coisas, por maiores que fossem, estão sujeitas ao acaso."

Tum ego arridens: Vides, inquam, Licenti, fortunatissimum istum hominem a beata vita ingenii bonitate impeditum. Quo enim erat acutior, eo videbat illa omnia se posse amittere; quo metu frangebatur, illudque vulgare satis asserebat: Infidum hominem malo suo esse cordatum (Plutarco, De tranq. an. 1, 465c.).

Então eu, rindo, disse: "Vês, Licêncio, que esse homem afortunado é impedido da vida feliz pela própria bondade do seu engenho? Quanto mais perspicaz era, mais via que podia perder tudo; o medo o atormentava, e ele confirmava aquele ditado vulgar: 'O homem ponderado é infiel para a sua própria desgraça' (Plutarco)."

4,27 – A tolice é, portanto, a suma necessidade

Hic cum et ille et caeteri arrisissent: Illud tamen, inquam, diligentius attendamus, quia etsi timuit iste, non equit: unde quaestio est. Egere est enim in non habendo, non in timore amittendi quae habeas. Erat autem iste miser, quia metuebat, quamvis non egeret. Non igitur omnis qui miser est, eget.

Todos se riram. Eu continuei: "Atentai, porém, com mais cuidado: embora ele temesse, não necessitava. Necessitar é não ter, não é temer perder o que se tem. Ele era infeliz porque temia, embora não necessitasse. Portanto, nem todo o infeliz necessita."

Quod cum approbavisset cum caeteris etiam ipsa cuius sententiam defendebam, aliquantulum tamen addubitans: Nescio, inquit, tamen, et nondum plane intellego quomodo ab egestate possit miseria, aut egestas a miseria separari.

Minha mãe, que era a favor daquela sentença, aprovou com os outros, mas ainda hesitou: "Não sei, no entanto, não entendo bem como se pode separar a miséria da necessidade."

Nam et iste qui dives et locuples erat, et nihil, ut dicitis, amplius desiderabat; tamen quia metuebat, ne amitteret egebat sapientia. Ergone hunc egentem diceremus, si egeret argento et pecunia; cum egeret sapientia, non dicemus?

"Aquele homem rico e opulento, que nada mais desejava, como dizeis, porque temia perder, necessitava de sabedoria. Chamá-lo-íamos necessitado se lhe faltasse prata, e não o chamamos se lhe falta sabedoria?"

Ubi cum omnes mirando exclamassent, me ipso etiam non mediocriter alacri atque laeto, quod ab ea potissimum dictum esset quod pro magno de philosophorum libris, atque ultimum proferre paraveram: Videtisne, inquam, aliud esse multas variasque doctrinas, aliud animum attentissimum in Deum? Nam unde ista quae miramur, nisi inde procedunt?

Todos exclamaram admirados, e eu, muito alegre porque ela dissera exactamente o que eu me preparava para apresentar como o argumento máximo dos filósofos, disse: "Vedes que uma coisa são as muitas e variadas doutrinas, outra é o espírito atento a Deus? É daí que procede esta admiração."

Hic Licentius laetus exclamans: Prorsus, inquit, nihil verius, nihil divinius dici potuit. Nam et maior et miserabilior egestas nulla est, quam egere sapientia; et qui sapientia non eget, nulla re omnino egere potest.

Licêncio, jubiloso, exclamou: "Nada mais verdadeiro, nada mais divino se podia dizer. Pois não há necessidade maior nem mais miserável do que a de sabedoria; e quem não necessita de sabedoria, de nada mais necessita."

4,28 – A necessidade da alma é a tolice; a sabedoria é a vida feliz

Est ergo animi egestas, inquam, nihil aliud quam stultitia. Haec est enim contraria sapientiae, et ita contraria ut mors vitae, ut beata vita miserae; hoc est, sine aliquo medio.

"Portanto, a necessidade da alma não é outra coisa senão a tolice. A tolice é o contrário da sabedoria, assim como a morte é o contrário da vida, e a vida feliz o é da infeliz – sem meio-termo."

Nam ut omnis non beatus homo miser est, omnisque homo non mortuus vivit; sic omnem non stultum manifestum est esse sapientem.

"Assim como todo homem não feliz é infeliz, e todo homem não morto está vivo, também todo não tolo é sábio."

Ex quo et illud iam licet videre, non ex eo tantum Sergium Oratam fuisse miserum, quod timebat ne fortunae illa munera amitteret, sed quia stultus erat. Quo fit ut miserior esset, si tam pendulis nutantibusque iis quae bona putabat, nihil omnino metuisset. Esset enim non fortitudinis excubiis, sed mentis sopore securior, et altiore stultitia demersus miser.

"Donde se vê que Sérgio Orata não era infeliz apenas porque temia perder aqueles bens, mas porque era tolo. E seria ainda mais infeliz se, com aqueles bens tão instáveis, nada temesse: seria mais 'seguro' não pela vigilância da coragem, mas pelo sono da mente, e estaria mergulhado numa tolice ainda maior."

At si omnis qui caret sapientia magnam patitur egestatem, omnisque compos sapientiae nihilo eget, sequitur ut stultitia sit egestas.

"Se todo o que carece de sabedoria sofre grande necessidade, e todo o que possui sabedoria não necessita de nada, então a tolice é a necessidade."

Ut autem omnis stultus miser, ita omnis miser stultus est. Ergo ut omnis egestas miseria, ita omnis miseria egestas esse convincitur.

"E assim como todo tolo é infeliz, também todo infeliz é tolo. Portanto, fica demonstrado que toda necessidade é miséria e toda miséria é necessidade."

4,29 – A tolice é a palavra do não ter

Quam conclusionem Trygetius cum se parum intellexisse diceret: Quid, inquam, inter nos ratione convenit? Eum egere, inquit, qui sapientiam non habeat.

Trigécio disse que não tinha percebido bem a conclusão. Então eu expliquei: "Concordámos que necessita quem não tem sabedoria."

Quid est ergo, inquam, egere? Sapientiam non habere.

"O que é necessitar? Não ter sabedoria."

Quid est, inquam, sapientiam non habere? Hic cum taceret, nonne hoc est, inquam, habere stultitiam?

"O que é não ter sabedoria?" Como ele hesitasse, perguntei: "Não é ter tolice?"

Hoc, inquit.

"É", disse.

Nihil est ergo aliud, inquam, habere egestatem, quam stultitiam; ex quo iam necesse est egestatem alio verbo nominari, quando stultitia nominatur.

"Portanto, ter necessidade é o mesmo que ter tolice; daí que necessidade é outra palavra para designar a tolice."

Quamquam nescio quomodo dicamus, Habet egestatem, aut, habet stultitiam. Tale est enim ac si locum aliquem, qui lumine careat, dicamus habere tenebras: quod nihil est aliud quam lumen non habere. Non enim tenebrae quasi veniunt aut recedunt; sed carere lumine hoc ipsum est iam tenebrosus esse, ut carere veste hoc est esse nudum. Non enim veste accedente veluti aliqua res mobilis nuditas fugit.

"Embora não saiba bem como dizer 'tem necessidade' ou 'tem tolice'. É como dizer que um lugar sem luz 'tem trevas': trevas não é uma coisa que vem e vai; é apenas a

ausência de luz. Assim, 'estar nu' é não ter veste; não é que a nudez fuja quando a veste chega."

Sic ergo dicimus aliquem habere egestatem, quasi dicamus habere nuditatem. Egestas enim verbum est non habendi.

"Assim, 'ter necessidade' é como 'ter nudez': necessidade é uma palavra que indica um 'não ter'."

Quamobrem, ut quod volo explicem sicut possum, ita dicitur, Habet egestatem; quasi dicatur, Habet non habere. Itaque, si stultitiam ipsam veram et certam egestatem esse monstratum est, vide iam quaestionem quam susceperamus, utrum soluta sit.

"Portanto, se mostrámos que a tolice é a verdadeira necessidade, então a nossa questão está resolvida."

Dubitabatur enim inter nos, utrum cum appellamus miseriam, nihil aliud quam egestatem nominaremus. Dedimus autem rationem, recte stultitiam vocari egestatem. Sicut ergo et omnis stultus miser, et omnis miser stultus est; ita necesse est non solum omnem qui egeat miserum, sed etiam omnem qui miser sit egentem esse fateamur. At si ex eo quod et omnis stultus miser est, conficitur stultitiam esse miseriam; cur non ex eo quod et quisquis miser est egeat, et quisquis miser est egeat, nihil aliud miseriam quam egestatem esse conficimus?

"Duidávamos se a miséria é o mesmo que necessidade. Mostrámos que a tolice se chama necessidade. Ora, assim como todo tolo é infeliz e todo infeliz é tolo, também se segue que todo o que necessita é infeliz e todo o infeliz necessita. Se da primeira (todo tolo é infeliz) concluimos que a tolice é a miséria, porque não havemos de concluir, da segunda (todo infeliz necessita), que a miséria é a necessidade?"

4,30 – Portanto, à necessidade opõe-se a plenitude

Quod cum omnes ita esse faterentur: Illud iam, inquam, sequitur, ut videamus quis non egeat; is enim erit sapiens et beatus. Egestas autem stultitia est, egestatisque nomen: hoc autem verbum sterilitatem quamdam et inopiam solet significare.

Todos concordaram. "Agora", prossegui, "vejamos quem não necessita: esse será o sábio e feliz. A necessidade é a tolice, e o termo 'necessidade' significa esterilidade e carência."

Attendite ergo altius, quanta cura priscorum hominum, sive omnia, sive quod manifestum est, quaedam verba creata sunt, earum rerum maxime quarum erat notitia pernecessaria.

"Notai bem: os antigos criaram as palavras com muito cuidado, sobretudo para as coisas de conhecimento mais necessário."

lam enim conceditis omnem stultum egere, et omnem qui egeat stultum esse: credo vos etiam concedere animum stultum esse vitiosum, omniaque animi vitia uno stultitiae nomine includi.

"Vós já admitis que todo tolo necessita e todo necessitado é tolo, e que o espírito tolo é vicioso – todos os vícios estão incluídos na tolice."

Primo autem die huius disputationis nostrae nequitiam dixeramus esse ab eo dictam quod nec quidquam sit, cui contrariam frugalitatem a fruge fuisse nominatam.

"No primeiro dia, dissemos que a malícia (nequitia) vem de 'não ser nada', e que a frugalidade vem de 'fruto'."

Ergo in iis duobus contrariis, hoc est frugalitate atque nequitia, illa duo videntur eminere, esse et non esse.

"Nessas duas opostas, sobressaem o ser e o não ser."

Egestati autem de qua quaestio est, quid putamus esse contrarium?

"Qual será o contrário da necessidade?"

Hic cum aliquantum cunctarentur: Si dicam, inquit Trygetius, divitias; video his paupertatem esse contrariam.

Hesitaram. Trigécio disse: "Se eu disser 'riquezas', vejo que a pobreza é o contrário."

Est quidem, inquam, vicinum. Nam paupertas et egestas unum atque idem accipi solet. Tamen aliud verbum inveniendum est, ne meliori parti desit unum vocabulum, ut cum illa pars paupertatis et egestatis nomine abundet, ex hac parte solum opponatur divitiarum nomen. Nihil enim absurdus quam ut hic sit egestas vocabuli, ubi est contraria pars egestati.

"É vizinho, mas pobreza e necessidade costumam significar a mesma coisa. Precisamos de uma palavra diferente, para que a parte melhor não fique sem nome, enquanto a outra tem dois (pobreza e necessidade). Seria absurdo que houvesse 'necessidade de palavra' justamente onde se trata do contrário da necessidade."

Plenitudo, inquit Licentius, si dici potest, videtur mihi recte opponi egestati.

Licêncio propôs: "Plenitude, se for possível dizer-se, parece-me o contrário correcto de necessidade."

4,31 – A plenitude está no modo e na temperança

Postea, inquam, de verbo quaeremus fortasse diligentius. Non enim hoc curandum est in conquisitione veritatis. Quamvis enim Sallustius lectissimus pensator verborum, egestati opposuerit opulentiam (cf. Sallustio, Cat. 52, 22); tamen accipio istam

plenitudinem. Non enim nec hic grammaticorum formidine liberabimur, aut metuendum est ne ab eis castigemur, quod incuriose utimur verbis, qui res suas nobis ad utendum dederunt.

"Depois, sobre a palavra discutiremos talvez com mais cuidado. Não é isso o importante na busca da verdade. Embora Salústio, exactíssimo no escolher palavras, tenha oposto 'opulência' à 'necessidade', aceito a tua 'plenitude'. Não vamos agora deixar-nos intimidar pelos gramáticos; eles nos deram as palavras para usarmos."

Ubi cum arrisissent: Ergo, quia mentes vestras, inquam, cum intenti estis in Deum, velut quaedam oracula non contemnere statui, videamus quid sibi velit hoc nomen; nam nullum accommodatius esse arbitror veritati. Plenitudo igitur et egestas contraria sunt: at etiam hic similiter, ut in nequitia et frugalitate, apparent illa duo, esse et non esse. Et si egestas est ipsa stultitia, plenitudo erit sapientia.

Riram-se. "Porque decidi não desprezar as vossas mentes, quando atentas em Deus, como se fossem oráculos, vejamos o que significa este nome. Creio que nenhum é mais adequado à verdade. Plenitude e necessidade são contrárias. Nelas, como na malícia e na frugalidade, vemos o ser e o não ser. Se a necessidade é a tolice, a plenitude será a sabedoria."

Merito etiam virtutum omnium matrem multi frugalitatem esse dixerunt. Quibus consentiens Tullius etiam in populari oratione ait: Ut volet quisque accipiat: ego tamen frugalitatem, id est modestiam et temperantiam, virtutem maximam iudico (Cicerone, Pro Deiot. 9, 26).

"Com razão muitos chamaram à frugalidade a mãe de todas as virtudes. Cícero, concordando, disse numa oração: 'Cada um a entenda como quiser; eu, porém, julgo que a frugalidade – isto é, a modéstia e a temperança – é a maior virtude.'"

Prorsus doctissime ac decentissime: consideravit enim frugem, id est illud quod esse dicimus, cui est non esse contrarium. Sed propter vulgarem loquendi consuetudinem, qua frugalitas quasi parcimonia dici solet, duobus consequentibus quid senserit, illustravit, subiciendo modestiam et temperantiam: et haec duo verba diligentius attendamus.

"Muito douta e apropriadamente: ele considerou o fruto – aquilo que é –, cujo contrário é o não ser. Mas devido ao uso vulgar, que toma 'frugalidade' como 'parcimónia', ele acrescentou dois sinónimos: modéstia e temperança. Atenhamo-nos a estas duas palavras."

4,32 – A sabedoria é, portanto, a plenitude

Modestia utique dicta est a modo, et a temperie temperantia. Ubi autem modus est atque temperies, nec plus est quidquam nec minus. Ipsa est igitur plenitudo, quam egestati contrariam posueramus, multo melius quam si abundantiam poneremus.

"Modéstia vem de 'modo'; temperança, de 'temperie'. Onde há modo e temperie, não há nem mais nem menos. Essa é a plenitude que opusemos à necessidade – melhor do que se déssemos 'abundância'."

In abundantia enim intellegitur affluentia et quasi rei nimium exuberantis effusio. Quod cum evenit ultra quam satis est, etiam ibi desideratur modus, et res quae nimia est, modo eget. Ergo nec ab ipsa redundantia egestas aliena est; a modo autem et plus et minus aliena sunt.

"Na abundância há excesso, transbordamento; quando algo é mais do que o necessário, também aí falta modo, e o que é excesso precisa de modo. Portanto, a própria redundância tem necessidade. Ao passo que o modo exclui tanto o mais como o menos."

Ipsam etiam opulentiam si discutias, invenies eam nihil aliud tenere quam modum. Nam non nisi ab ope dicta est opulentia. Quomodo autem opitulatur, quod nimium est, cum incommodius sit saepe quam parum?

"A própria opulência, se a analisares, não é mais do que o modo. 'Opulência' vem de 'ajuda' (ops). Como é que o excesso pode ajudar, se é muitas vezes mais prejudicial do que a escassez?"

Quidquid igitur vel parum vel nimium est, quia modo eget, obnoxium est egestati. Modus ergo animi sapientia est. Etenim sapientia contraria stultitiae non negatur, et stultitia egestas, egestati autem contraria plenitudo. Sapientia igitur plenitudo. In plenitudine autem modus. Modus igitur animo in sapientia est.

"Tudo o que é pouco ou demais, por carecer de modo, está sujeito à necessidade. O modo do espírito é a sabedoria. A sabedoria é contrária à tolice; a tolice é necessidade; o contrário da necessidade é a plenitude. Logo, a sabedoria é a plenitude. E na plenitude está o modo. Portanto, o modo do espírito está na sabedoria."

Unde illud praeclarum est, et non immerito diffamatur: Hoc primum in vita esse utile, ut ne quid nimis (Terenzio, Andria 61; cf. anche Plutarco, De tranq. an. 16, 474c.).

"Por isso é justamente famoso aquele dito: 'O primeiro princípio útil na vida é que nada seja em excesso' (Terencio)."

4,33 – E o modo

Dixeramus autem in exordio hodiernae disputationis nostrae, quod si inveniremus nihil aliud esse miseriam quam egestatem, eum beatum esse fateremur, qui non egeret.

"No início da nossa conversa de hoje dissemos que, se descobríssemos que a miséria é o mesmo que a necessidade, então seria feliz quem não necessita."

Est autem inventum: ergo beatum esse nihil est aliud quam non egere, hoc est esse sapientem.

"Descobrimo-lo. Portanto, ser feliz é não necessitar, ou seja, ser sábio."

Si autem quaeritis quid sit sapientia (iam et ipsam ratio, quantum in praesentia potuit, evolvit atque eruit); nihil est aliud quam modus animi, hoc est, quo sese animus librat, ut neque excurrat in nimium, neque infra quam plenum est coarctetur.

"E o que é a sabedoria? (A razão já o explicou, tanto quanto pôde). Não é outra coisa senão o modo do espírito – o equilíbrio pelo qual o espírito não se estende ao excesso nem se encolhe aquém da plenitude."

Excurrit autem in luxurias, dominationes, superbias, caeteraque id genus, quibus immoderatorum miserorumque animi sibi laetitia atque potentias comparari putant.

"Estende-se nas luxúrias, nas ambições de poder, na soberba, onde os desmedidos e infelizes julgam encontrar alegria e poder."

Coarctatur autem sordibus, timoribus, moerore, cupiditate, atque aliis, quaecumque sunt, quibus homines miseros etiam miseri confitentur.

"Contraí-se na sujidade, nos medos, na tristeza, na avareza – coisas que tornam os miseráveis ainda mais miseráveis."

Cum vero sapientiam contemplatur inventam, cumque, ut huius pueri verbo utar, ad ipsam se tenet, nec se ad simulacrorum fallaciam, quorum pondus amplexus a Deo suo cadere atque demergi solet, ulla commotus inanitate convertit; nihil immoderationis, et ideo nihil egestatis, nihil igitur miseriae pertimescit.

"Mas quando o espírito contempla a sabedoria descoberta e, como disse este menino, se apega a ela – sem se voltar para o engano das imagens, cujo peso o faria cair e afundar-se, afastando-se de Deus –, então nada de desmedido, nada de necessidade, nada de miséria ele teme."

Habet ergo modum suum, id est sapientiam, quisquis beatus est.

"Portanto, todo aquele que é feliz tem o seu modo, ou seja, a sabedoria."

4,34 – Deus é a suma plenitude e o modo pelo qual a verdade

Quae est autem dicenda sapientia, nisi quae Dei Sapientia est? Accepimus autem etiam auctoritate divina, Dei Filium nihil esse aliud quam Dei Sapientiam (I Cor. I, 24): et est Dei Filius profecto Deus. Deum habet igitur quisquis beatus est: quod omnibus nobis iam ante placuit, cum hoc convivium ingressi sumus.

"O que se deve chamar sabedoria, senão aquela que é a Sabedoria de Deus? E pela autoridade divina recebemos que o Filho de Deus não é outra coisa senão a Sabedoria

de Deus (1 Cor 1,24). E o Filho de Deus é verdadeiramente Deus. Portanto, todo aquele que é feliz tem a Deus – como já concordámos no início deste banquete."

Sed quid putatis esse sapientiam, nisi veritatem? Etiam hoc enim dictum est: Ego sum Veritas (Jo 14, 6). Veritas autem ut sit, fit per aliquem summum modum, a quo procedit, et in quem se perfecta convertit.

"Que é a sabedoria, senão a verdade? Pois também está escrito: 'Eu sou a Verdade' (Jo 14,6). Ora, a verdade só existe por meio de um sumo modo, de onde procede e para o qual, quando perfeita, se volta."

Ipsi autem summo modo nullus alius modus imponitur: si enim summus modus per summum modum modus est, per seipsum modus est. Sed etiam summus modus necesse est ut verus modus sit.

"Ao sumo modo, nenhum outro modo lhe é imposto: se o sumo modo é modo por um modo sumo, então ele é modo por si mesmo. E é necessário que o sumo modo seja modo verdadeiro."

Ut igitur veritas modo gignitur, ita modus veritate cognoscitur. Neque igitur veritas sine modo, neque modus sine veritate unquam fuit.

"Assim como a verdade é gerada pelo modo, o modo é conhecido pela verdade. Nunca existiu a verdade sem o modo, nem o modo sem a verdade."

Quis est Dei Filius? Dictum est: Veritas. Quis est qui non habet patrem, quis alius quam summus modus?

"Quem é o Filho de Deus? Foi dito: a Verdade. Quem é aquele que não tem pai? O próprio sumo modo."

Quisquis igitur ad summum modum per veritatem venerit, beatus est. Hoc est animo Deum habere, id est Deo perfrui. Caetera enim quamvis a Deo habeantur, non habent Deum.

"Portanto, todo aquele que chega ao sumo modo através da verdade é feliz. Isto é ter a Deus na alma – isto é, gozar de Deus. Todas as outras coisas, embora sejam tidas por Deus, não têm a Deus."

4,35 – Encontrando a qual, somos felizes

Admonitio autem quaedam, quae nobiscum agit, ut Deum recordemur, ut eum quaeramus, ut eum pulso omni fastidio sitiamus, de ipso ad nos fonte veritatis emanat. Hoc interioribus luminibus nostris iubar sol ille secretus infundit.

"É, pois, uma certa admoestação que age em nós, para que nos lembremos de Deus, O procuremos, e, afastando todo o fastio, tenhamos sede d'Ele – e essa admoestação

emana da própria fonte da verdade. Esse Sol interior derrama o seu resplendor sobre os nossos olhos interiores."

Huius est verum omne quod loquimur, etiam quando adhuc vel minus sanis vel repente apertis oculis audacter converti, et totum intueri trepidamus: nihilque aliud etiam hoc apparet esse quam Deum, nulla degeneratione impediante perfectum.

"Dele procede tudo o que dizemos de verdadeiro, mesmo quando, com olhos ainda não muito são ou de repente abertos, nos atrevemos a voltar-nos e a contemplar timidamente o todo. E essa contemplação nada mais é do que Deus, perfeito, sem nenhuma degenerescência."

Nam ibi totum atque omne perfectum est, simulque est omnipotentissimus Deus. Sed tamen quamdiu quaerimus, nondum ipso fonte, atque ut illo verbo utar, plenitudine saturati, nondum ad nostrum modum nos pervenisse fateamur: et ideo, quamvis iam Deo adiuvante, nondum tamen sapientes ac beati sumus.

"Pois ali tudo é total e perfeitíssimo, e ao mesmo tempo Deus onipotente. Todavia, enquanto O procuramos, ainda não estamos saciados pela fonte, nem pela plenitude; confessemos que ainda não chegámos ao nosso modo. Portanto, embora já ajudados por Deus, ainda não somos sábios nem felizes."

Illa est igitur plena satietas animorum, hoc est beata vita, pie perfecteque cognoscere a quo inducaris in veritatem, qua veritate perfruaris, per quid connectaris summo modo. Quae tria unum Deum intellegendibus unamque substantiam, exclusis vanitatibus variae superstitionis, ostendunt.

"A plena saciedade das almas – a vida feliz – é conhecer com piedade e perfeição: por quem és conduzido à verdade, de que verdade gozas, por quem és ligado ao sumo modo. Estas três coisas, para os que entendem, mostram um só Deus e uma só substância, excluídas as vaidades das várias superstições."

Hic mater recognitis verbis quae suae memoriae penitus inhaerebant, et quasi evigilans in fidem suam, versum illum sacerdotis nostri: Fove precantes, Trinitas, (Ambrogio, cit. da Deus Creator omnium; PL 32, 1473) laeta effudit, atque subiecit: Haec est nullo ambigente beata vita, quae vita perfecta est, ad quam nos festinantes posse perducere, solida fide, alacri spe, flagrante caritate praesumendum est.

Neste ponto, minha mãe, recordando as palavras que estavam profundamente gravadas na sua memória e como que despertando para a sua fé, recitou alegremente aquele verso do nosso sacerdote: "Acolhei, Trindade, os que vos suplicam" (Ambrósio), e acrescentou: "Esta é, sem dúvida, a vida feliz, a vida perfeita. Apressando-nos para ela, devemos ter a presunção de que podemos ser conduzidos pela fé sólida, pela esperança viva, pela caridade inflamada."

4,36 – Louva os convivas e despede-os

Ergo, inquam, quoniam modus ipse nos admonet et convivium aliquo intervallo dierum distinguere, quantas pro viribus possum gratias ago summo et vero Deo Patri, Domino liberatori animarum: deinde vobis qui concorditer invitati, multis etiam me cumulastis muneribus. Nam tantum in nostrum sermonem contulistis, ut me negare non possim, ab invitatis meis esse satiatum.

"Portanto", concluí, "já que o próprio modo nos adverte a interromper o banquete com um intervalo de dias, dou graças, com todas as minhas forças, ao sumo e verdadeiro Deus Pai, Senhor libertador das almas. E dou graças a vós, que, convidados em união, me enriquecesteis com muitos dons. Tanto contribuístes para a nossa conversa que não posso negar ter ficado saciado pelos meus convidados."

Hic omnibus gaudentibus et laudantibus Deum: Quam vellem, inquit Trygetius, hoc modo nos quotidie pasceres.

Todos se alegraram e louvaram a Deus. Trigécio disse: "Como eu desejaria que nos alimentasses assim todos os dias!"

Modus, inquam, ille ubique servandus est, ubique amandus, si vobis cordi est ad Deum reditus noster.

Eu respondi: "O modo deve ser guardado em toda a parte, e amado em toda a parte, se vos é caro o nosso regresso a Deus."

His dictis, facto disputationis fine, discessimus.

Ditas estas palavras, terminámos a disputa e retirámo-nos.

Referências

AGOSTINHO. *De Beata Vita*. In: Augustinus.it. Disponível em: <https://www.augustinus.it/latino/felicita/index2.htm>. Acesso em: 21 maio 2026.

NIDA, Eugene A. *Toward a Science of Translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: E. J. Brill, 1964.

SANTOS, Danilo Nobre dos. *A felicidade e sua busca no De beata vita de Santo Agostinho*. 2016. 69 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília, 2016.

TSAI, Plínio Marcos. Os elementos da rede budista-taoísta na Filosofia da Teoria de Rede Inter-relacional. *Modernos & Contemporâneos*, Campinas, v. 8, n. 18, p. 147-163, jan./jun. 2024.

WIKIPÉDIA. *Agostinho de Hipona*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Agostinho_de_Hipona. Acesso em: 21 maio 2026.

WIKIPÉDIA. *De beata vita*. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/De_beata_vita. Acesso em: 21 maio 2026.